

A young child with curly hair and a star sticker on their head is looking at a photograph of a baby. The image is overlaid with a red tint and a large white circle containing the word 'Emília'.

DESTAQUES 2024

Emília



Faça parte da
Comunidade Emília

<https://emilia.org.br/comunidade-emilia/>

DESTAQUES 2024

Emília

COORDENAÇÃO GERAL

Dolores Prades

COORDENAÇÃO DESTAQUES

Bárbara Franceli Passos

Carolina P. Fedatto

Miruna Genoino

EQUIPE DESTAQUES

Ana Bárbara dos Santos, Ana Beatriz Assis, Ana Emília de Paiva, Andrea Porto, Aurélio de Macedo, Camila Petrovitch, Caroline Hornos, Dianne Melo, Dora Batalim, Licia Breim, Livia Costa, Madalena Elek, Milena Buarque, Natália Coltri, Renata Penzani, Silvia Zerbini, Talula Montiel Trindade

SECRETARIA

Priscila Castro

Renata Herondina

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mayumi Okuyama

Júlia Cherem Rodrigues

AGRADECIMENTOS

À Equipe Destaques Emília 2024, às editoras que enviaram seus lançamentos para análise e aos parceiros do Acervo África, do Instituto Acaia e do Núcleo de Estudos em Literatura Infantil multimodal e mediação leitora (NAMME), coordenado pela Profa. Dra. Giselly Lima da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia UFBA. Agradecemos em especial às autoras e autores que apostam na literatura como forma artística fundamental para a constituição humana.

NA FOTO DA CAPA

Valeria Almeida com a pequena leitora Isis Maria Gouveia.
Arquivo IBEAC

Ano de publicação – 2025

SUMÁRIO

I. UM POUCO DE HISTÓRIA E ONDE ESTAMOS 7

II. O TRABALHO DE LEITURA E ANÁLISE 9

III. COMENTÁRIOS SOBRE A PRODUÇÃO DE 2024 15

IV. MARCOS DE LEITURA, CRITÉRIOS E CATEGORIAS 24

V. DESTAQUES EMÍLIA 2024 26

Arrebatadores 27

Imperdíveis 32

Recomendáveis 36

VI. ANEXOS

[ANEXO 1]

* Análise dos livros selecionados 44

* Equipe Destaques Emília 110

[ANEXO 2] Lista de editoras que enviaram livros em 2024 116

[ANEXO 3] Quadro comparativo dos livros recebidos,
pré-selecionados e Destaques de 2013 a 2024 118

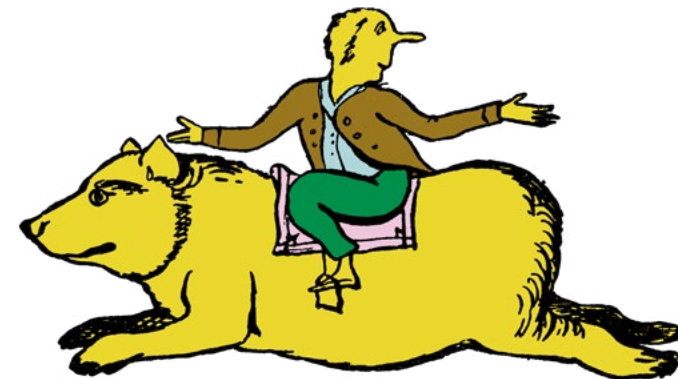
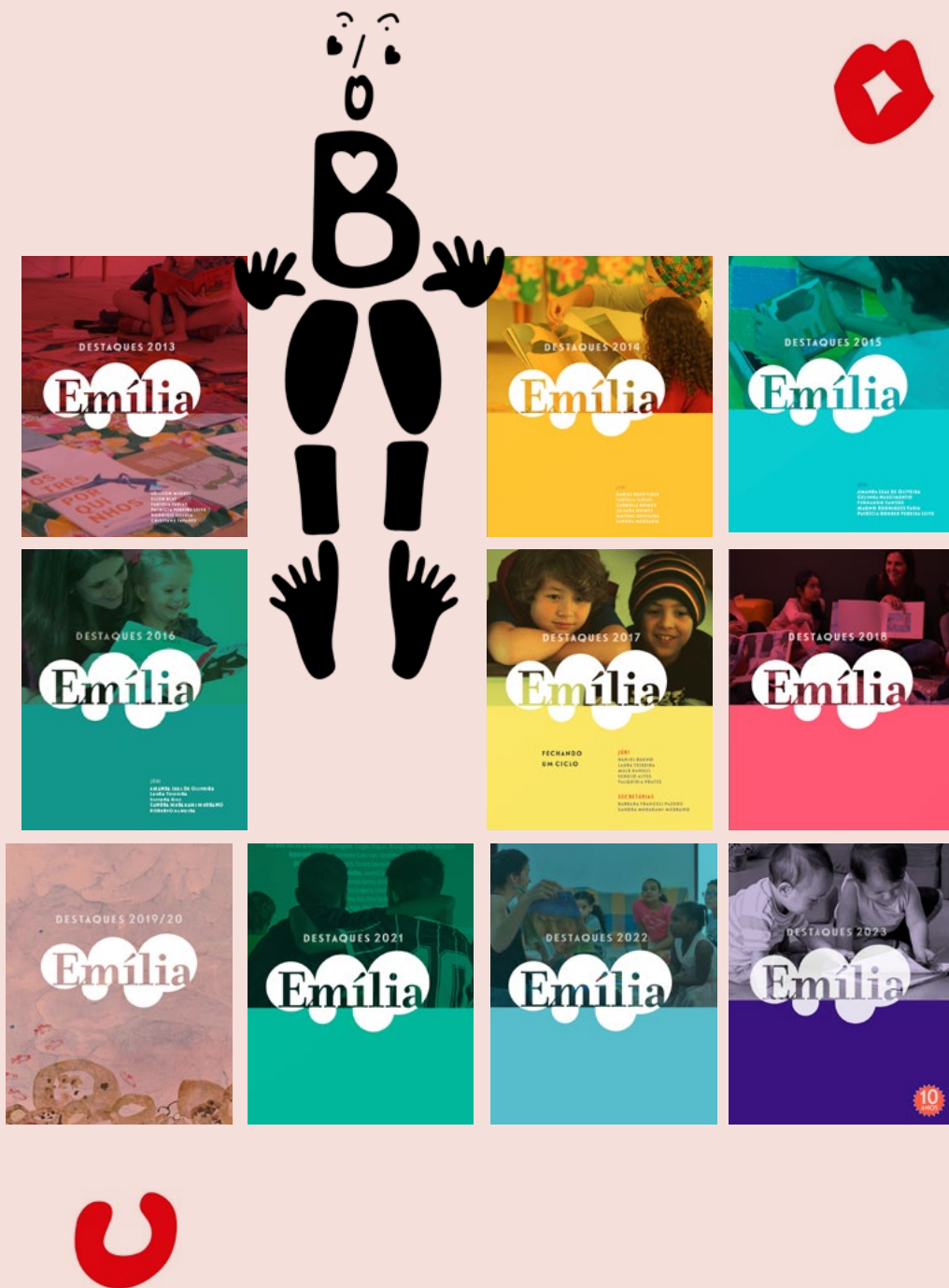


Ilustração para
200 limeriques de Edouard
Lear para ler e para ver



I. UM POUCO DE HISTÓRIA E ONDE ESTAMOS

A **Revista Emília** surgiu no início do século XXI por iniciativa de um grupo de especialistas em literatura, artes e educação, com a proposta de ampliar os horizontes teóricos e analíticos no campo do livro e da leitura para crianças e jovens no Brasil. Desde então, esse coletivo, atuando de forma voluntária, promove discussões visando à formação de leitores e à valorização do livro e da leitura por meio de diversas ações formativas. Ao longo dos anos, a Emília se dedicou a compartilhar experiências, divulgar ideias e estimular reflexões literárias e estéticas por meio de encontros, seminários, grupos de estudo, clubes de leitura, cursos presenciais e on-line, além da publicação de artigos, entrevistas, ensaios e resenhas na revista eletrônica, nos Cadernos semestrais e nos livros lançados pelo **Selo Emília**.

Desde 2013, os **Destaques Emília** integram esse conjunto de iniciativas, com a seleção anual de obras de ficção e não-ficção para crianças e jovens publicadas no Brasil. A curadoria é feita pela equipe Emília e, em alguns anos, também por especialistas convidados, com base em critérios literários e estéticos. Com o crescimento do mercado editorial voltado ao público infantil e juvenil, observa-se uma tendência à padronização e ao consumo de obras efêmeras. Em resposta, os guias **Destaques Emília** têm como propósito

discutir e refinar critérios de qualidade, destacando obras nacionais e internacionais que se sobressaem por sua potência artística e relevância na formação de leitores.

Parte fundamental desse processo é o **Olhar Leitor**, atividade que envolve sessões de leitura com crianças e jovens, a partir de livros pré-selecionados. As impressões desses leitores ajudam a enriquecer os critérios de avaliação e reforçam o compromisso da Emília com o diálogo. Os grupos participantes e algumas bibliotecas comunitárias recebem os livros doados pelas editoras ao **Instituto Emília**.

Desde 2023, os Destaques também ganharam projeção internacional com a publicação do **Highlights Emília**, versão em inglês da seleção, lançada na Feira de Bolonha. A iniciativa amplia a visibilidade da produção brasileira dedicada às infâncias e juventudes em todo o mundo e é atualizada anualmente.

Com mais de uma década de atuação, o **Instituto Emília** apresenta neste guia as obras consideradas **Destaques de 2024**.



Ilustrações para
Estátua

II. O TRABALHO DE LEITURA E ANÁLISE



Desde 2012, a equipe dos **Destaques da Revista Emília** se reúne, presencialmente e online, para analisar os lançamentos enviados pelas editoras brasileiras. Após uma fase intensa de leituras e análises individuais, são realizados encontros coletivos onde as obras são discutidas à luz dos critérios definidos pela equipe. Esses critérios, no entanto, não são fixos: eles são constantemente revisitados e aprimorados a partir da observação da produção editorial de cada ano, das tendências emergentes e da diversidade das obras analisadas.

Nesse processo, a equipe assume uma postura crítica também em relação aos próprios parâmetros de avaliação, promovendo debates abertos entre especialistas que consideram, de maneira central, o olhar dos leitores finais. A leitura literária e estética orienta as escolhas, mas os critérios adotados se constroem e se transformam a partir do diálogo com a produção concreta. As obras são analisadas como objetos singulares, sem segmentação etária ou de gênero, com foco na qualidade do texto, das imagens e do projeto gráfico como um todo. Muitas vezes, é mais fácil identificar livros que carecem de qualidade do que definir com precisão o que a constitui; e é nesse desafio que o trabalho dos

Destaques se fundamenta, um percurso contínuo de aprendizagem e troca: um verdadeiro espaço formativo.

Ao longo dos últimos dez anos, esse olhar crítico foi se sofisticando. A equipe passou a reconhecer e valorizar a variedade de gêneros e linguagens presentes na literatura para crianças e jovens, considerando tanto os livros-álbum quanto contos, poesias e obras de divulgação científica. Em todos os casos, os livros selecionados articulam com excelência texto verbal, imagem e projeto gráfico, respeitando a inteligência dos jovens leitores e o papel fundamental dos mediadores.

Ciente das desigualdades sociais que marcam o Brasil, os Destaques também refletem sobre a diversidade das infâncias e a



Ilustração para
O ciclista



Ilustração para
Eu deveria estar na escola

necessidade de incluir obras que dialoguem com múltiplas realidades, para além do cânone tradicional. Essa abertura, contudo, não se restringe à presença de personagens diversos ou referências culturais específicas. O compromisso é com estéticas, cosmogonias e culturas que realmente ampliem os horizontes, sem nunca desconsiderar a qualidade tanto do texto quanto da ilustração, assim como a sua articulação.

Nesse sentido, a crítica literária praticada pelos Destaques procura não perder de vista a função social dos livros analisados, inserindo-os num contexto mais amplo de análise. Por isso, além das reuniões para leitura e seleção de obras, a equipe mantém um grupo de estudos que se debruça sobre questões teóricas e filosóficas. Continuam sendo fortes referências os textos de Graciela Montes, especialmente os ensaios reunidos em *Buscar indícios, construir sentidos* (Selo Emília/Solisluna, 2020), *O banquete dos notáveis* de Constantino Bertolo (Selo Emília/Livros da Matriz, 2019), e pelas reflexões de María Teresa Andruetto, Cecília Bajour, Marcela Carranza, Edimilson de Almeida Pereira e Luis Percival entre outros. Este ano, somaram-se estudos

sobre a construção de critérios de análise literária a partir da pesquisa de Felipe Munita sobre as diferentes tradições de ensino de literatura e seus impactos na formação do leitor (*Eu, mediador de leitura*, Selo Emília/Solisluna, 2024). Essas leituras vêm então aproximando o trabalho dos Destaques de uma crítica com base filosófica e histórica, fundamentada na ideia de “função social da obra de arte”, como formulada por Georg Lukács, e nas contribuições de Antonio Candido e outros pensadores da literatura.

Analisar o conjunto de obras destinadas a crianças e jovens no Brasil permite aos Destaques uma visão privilegiada sobre as concepções que orientam o mercado editorial do país. A publicação de um livro carrega não apenas ideias sobre arte, leitura, leitores, conhecimento e literatura, mas também, e sobretudo, sobre como a sociedade compreende as infâncias e juventudes leitoras.

Ilustrações para
Meninas

A própria distinção entre “literatura” e “literatura infantil” já indica uma diferenciação importante, revelando que crianças e jovens, desde que foram socialmente constituídos como categorias a partir da universalização do ensino, são vistos como sujeitos com especificidades que exigem atenção. Essa atenção pode se manifestar como cuidado – ao se oferecer livros literária e esteticamente significativos sobre temas que lhes dizem respeito – mas também como limitação: seja por meio da simplificação excessiva, que subestima sua capacidade leitora e interpretativa, seja por mecanismos de censura, que restringem o acesso a certos temas ou formas de linguagem considerados inadequados (NODELMAN, 2020). Assim, mesmo nas produções contemporâneas, permanecem tênues as fronteiras entre a literatura como experiência estética e a literatura como instrumento de ensino ou transmissão de valores.

A lista dos Destaques e os critérios discutidos nas resenhas têm justamente o objetivo de qualificar os argumentos a favor de obras com valor estético e potencial formativo para o

desenvolvimento de leitores críticos e autônomos. Apontar alguns aspectos do processo de seleção ajuda a revelar a complexidade envolvida na elaboração deste guia. Mais do que avaliar e escolher títulos, buscamos dar visibilidade ao percurso de leitura e reflexão crítica que sustenta as escolhas, conferindo a esse processo um caráter formativo. Ao mesmo tempo, é importante sublinhar que não se trata de encerrar juízos de valor: diversas obras lidas foram reconhecidas como valiosas para acervos e bibliotecas, mesmo sem apresentarem argumentos que justificassem sua inclusão na lista final. Por fim, estendemos aos mediadores o convite para uma leitura participativa de nosso processo de estudo e construção de critérios para enfim realizar uma seleção explorando as obras que mais dialogam com os diferentes perfis de leitores.



Ilustração para
Nem todo

III. COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE A PRODUÇÃO DE 2024

UM OLHAR PARA OS DESTAQUES

O trabalho coletivo de leitura e avaliação dos lançamentos de 2024 reafirma o papel da crítica como ferramenta essencial na formação leitora e na valorização da literatura como manifestação artística. Nos **Destques Emília**, buscamos fazer crítica literária com base no conceito de *comunidade* de Constantino Bértolo (2014), isto é, um pacto de responsabilidade em busca de critérios que se afastem do idealismo e da mercantilização da leitura.

Ao lado de autores como Graciela Montes, Maria Teresa Andruetto e Cecília Bajour, compreendemos a literatura como espaço de incerteza e assombro, onde a experiência estética torna-se uma prática de liberdade e de construção simbólica. Assim, nossa seleção busca obras que respeitem a inteligência leitora das crianças e ofereçam narrativas abertas ao jogo interpretativo, ao invés de mensagens fechadas e moralizantes.

A análise do conjunto de obras recebidas neste ano permite entrever as tendências e preocupações do mercado editorial com relação às infâncias leitoras. Persistem as tensões entre o desejo de ofertar livros com potencial formativo e estético e a tendência

de enxergar a literatura como suporte para agendas pedagógicas, exclusivamente centradas em “temas a serem trabalhados”, muitas vezes empobrecendo a experiência ficcional. Ainda é frágil a fronteira entre a literatura como arte e como veículo de transmissão de valores. Como afirma Perry Nodelman, “ao considerarmos a literatura infantil como algo que deve ensinar — e essa parece ser a suposição mais comum —, corremos o risco de ignorar seu valor estético, bem como as complexidades de sua linguagem e estrutura” (NODELMAN, 2020, p. 39).

O ACERVO RECEBIDO REFERENTE À PRODUÇÃO DE 2024

A produção recebida neste ano traz, como em anos anteriores, a presença significativa de livros ilustrados que transitam entre temas clássicos – como o cotidiano da infância, a imaginação, o crescimento, os vínculos familiares e a amizade – e temas contemporâneos, como diversidade étnico-racial, questões de gênero, deficiência e inclusão. O destaque para essas temáticas reflete, por um lado, uma tentativa do mercado editorial de responder a demandas sociais urgentes. Por outro, revela um campo em que ainda há muitas obras que tratam esses temas de forma simplificada, didática ou excessivamente explicativa.



Ilustração para
O livro do riso

É nesse ponto que se destaca o papel ambíguo dos **paratextos editoriais** (como orelhas, apresentações, contracapas e prefácios), que muitas vezes atuam como mediações antecipadas da leitura, oferecendo interpretações fechadas ou justificativas para a obra antes mesmo de o leitor se aproximar dela. Em vez de atuarem como pontes para uma entrada na ficção, esses paratextos frequentemente reduzem a potência estética do livro, ao anunciar (e até mesmo inventar) sentidos ou explicitar intenções morais ou pedagógicas.

Como observa Cecilia Bajour em *Cartografia dos encontros* (2023), há uma tendência preocupante à “**desficcionalização**”: livros que, mesmo mantendo a aparência de obras de ficção, funcionam como veículos de discursos já prontos, esvaziando o jogo simbólico e imaginativo. Essa tendência é agravada quando os paratextos assumem o protagonismo da mediação, oferecendo interpretações verborrágicas e pouco generosas com o leitor. Em lugar da dúvida, da ambiguidade e do não-dito – elementos próprios da experiência estética – prevalece a tentativa de conduzir a leitura a um único, e desejado, caminho possível.

Esse problema se intensifica especialmente nas obras que se propõem a dialogar com questões étnico-raciais ou de justiça social. Embora sejam pautas absolutamente relevantes, muitas vezes o esforço em “explicar” ou “garantir a mensagem” compromete o caráter literário da obra. Ao antecipar sentidos, os paratextos não apenas subestimam o leitor, como também retiram da literatura seu papel de provocar,

sugerir, perturbar e abrir mundos. Como nos alerta Andruetto (2012), imaginar é conhecer – e esse conhecimento nasce, justamente, do que não se explica por inteiro.

TENDÊNCIAS E LACUNAS

Apesar desses desafios, também observamos livros que se destacam por sua elaboração formal, sua abertura interpretativa e seu cuidado com a articulação entre texto, imagem, projeto gráfico e silêncios. São livros que confiam na sensibilidade dos leitores em diversos momentos de sua formação e oferecem experiências poéticas, simbólicas e estéticas singulares. Obras que recusam o excesso de explicação e apostam na força da metáfora, da ambiguidade e da relação entre planos narrativos, visuais e sensíveis.



Ilustração para
As aventuras de Vítório

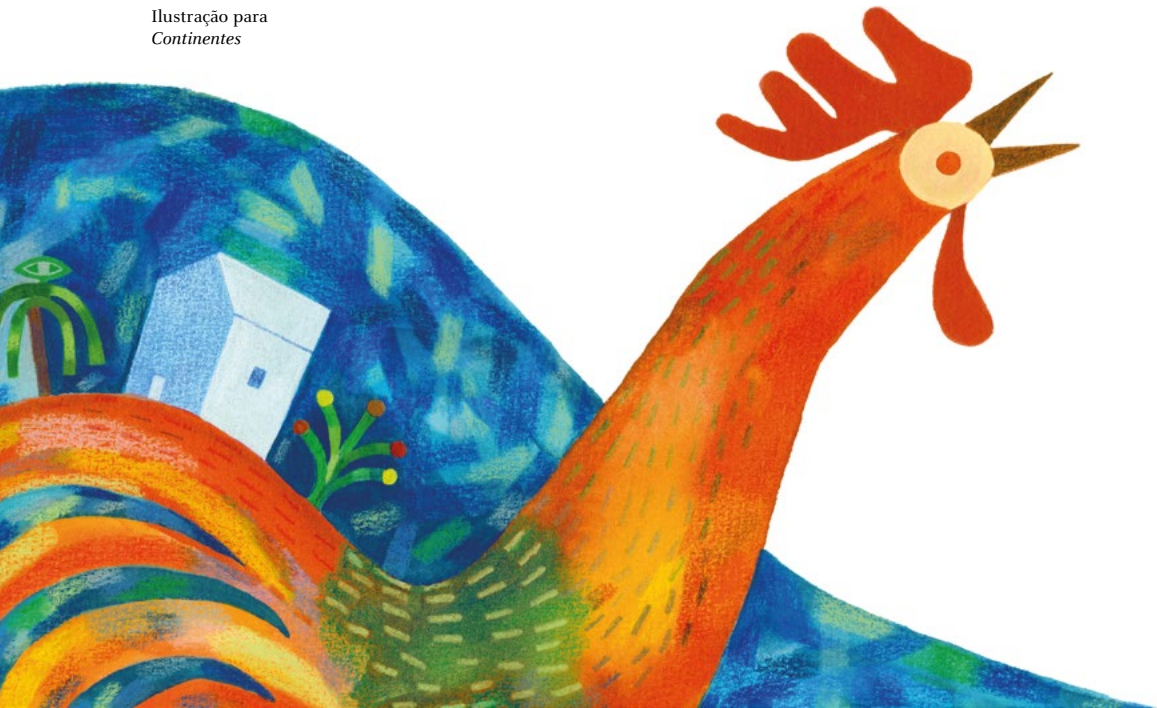
O campo da não-ficção apresentou algumas boas surpresas, com obras que abordam temas como arte, ciência, meio ambiente e biografias por meio de propostas visuais instigantes e escolhas textuais cuidadosas. Nessas obras, observa-se uma tentativa de renovar o gênero informativo, indo além da função meramente didática e propondo experiências de leitura que combinam precisão conceitual e liberdade criativa.

Por outro lado, ainda é incipiente a presença de produções voltadas à poesia, ao teatro e a outras formas experimentais de escrita literária. A exploração do ritmo, do som, do absurdo e

da oralidade — fundamentais para ampliar as possibilidades expressivas da literatura para as infâncias — aparece de forma tímida e, quando presente, geralmente circunscrita a reedições de autores já consagrados. Falta espaço para a ousadia formal e para experiências que desafiem a ideia de linearidade narrativa, de gênero fixo ou de legibilidade imediata. Essa lacuna empobrece o panorama da produção nacional e sugere a urgência de abrir caminhos para outras vozes e estruturas, que possam dialogar com a complexidade sensível e estética das infâncias leitoras.

A presença de histórias em quadrinhos, romances, novelas e coletâneas com maior quantidade de texto foi pontual na amostra de 2024, e ficaram de fora de análises mais aprofundadas. Isso se deve às características específicas desses formatos, que exigem mais tempo de leitura, maior envolvimento e, muitas vezes, um repertório crítico diferente para apreciação de suas linguagens e estruturas narrativas. Considerando que o trabalho da equipe é voluntário e realizado sem dedicação exclusiva, ainda é difícil incorporar de modo sistemático esses títulos ao processo coletivo. Reconhecer essa limitação é também afirmar a complexidade do campo editorial e a necessidade de desenvolver, futuramente, estratégias próprias para avaliação de obras que escapam do recorte dos livros ilustrados – especialmente quando se trata de gêneros em expansão, como HQs e romances gráficos.

Ilustração para
Continentes



CONVITE AO DIÁLOGO

A seleção dos Destaques buscou valorizar obras que acolhem os jovens leitores como interlocutores sensíveis e curiosos, obras que desafiam a linguagem e expandem o horizonte estético das infâncias. A seguir, apresentamos uma amostra de livros que reconhecem o silêncio como parte da narrativa e recusam o desejo de explicar tudo. Nosso processo, para além da avaliação, propõe uma leitura atenta ao gesto de mediação, reconhecendo a complexidade do trabalho com acervos literários e a pluralidade dos leitores. Esperamos, assim, contribuir para o debate e a formação de mediadores que façam da literatura um campo vivo de descobertas, escuta e transformação subjetiva e social.

Ilustração para
Meu favorito!



REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Trad. Carmen Cacciaccarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo/Lauro de Freitas: Selo Emília/Solisluna, 2023.
- MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo/Lauro de Freitas: Selo Emília/Solisluna, 2020.
- NODELMAN, Perry. *Somos mesmo todos censores?* Trad. Lenice Bueno. São Paulo/Lauro de Freitas: Selo Emília/Solisluna, 2020.
- ROBLEDO, Beatriz. *Avaliação e seleção de livros para formação de leitores*. Trad. Thaís Albieri. Caderno Emília nº 03. São Paulo: Instituto Emília, 2019. Disponível em: <https://emilia.org.br/selo/caderno-3/>

IV. MARCOS DE LEITURA, CRITÉRIOS E CATEGORIAS

CATEGORIAS DE SELEÇÃO

ARREBATADORES

Livros que se destacam amplamente em relação à média, oferecendo experiências de leitura singulares. Seja pela densidade e originalidade literária que proporcionam uma fruição estética marcante, no caso das obras de ficção; seja pelo aprofundamento e enriquecimento do conhecimento em temáticas relevantes, no caso da não-ficção. São obras que promovem uma experiência leitora memorável.

IMPERDÍVEIS

Obras que se sobressaem pela alta qualidade estética, literária e artística, tornando-se essenciais em qualquer acervo. São livros cuja presença em bibliotecas é indispensável.

RECOMENDÁVEIS

Livros que merecem destaque por sua temática relevante e pelo tratamento original que oferecem, representando boas contribuições ao repertório dos leitores.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- Valorização da inteligência e sensibilidade dos leitores, evitando concessões direcionadas exclusivamente a mediadores (como escolas, bibliotecas ou famílias).
- Consistência e inovação nos projetos literários, gráficos e editoriais, revelando avanços em relação à produção já existente.
- Capacidade de promover experiência estética e/ou de pesquisa significativos.
- Concepção de um leitor atemporal, que ultrapassa limitações de faixa etária e dialoga com leitores iniciantes sem subestimar sua capacidade.
- Integração entre texto, imagem e objeto na construção do sentido da obra.
- Uso de uma linguagem plurissignificativa, que permita múltiplas interpretações.
- Narrativa densa ou proposta original, tanto no texto quanto nas ilustrações.

Critérios de exclusão

- Obras com conteúdo discriminatório ou preconceituoso.
- Livros de cunho funcional ou meramente instrumental.
- Obras baseadas em estereótipos ou simplificações.
- Textos que subestimem os leitores ao recorrerem a fórmulas prontas ou explicações excessivas.

IV. DESTAQUES EMÍLIA 2024

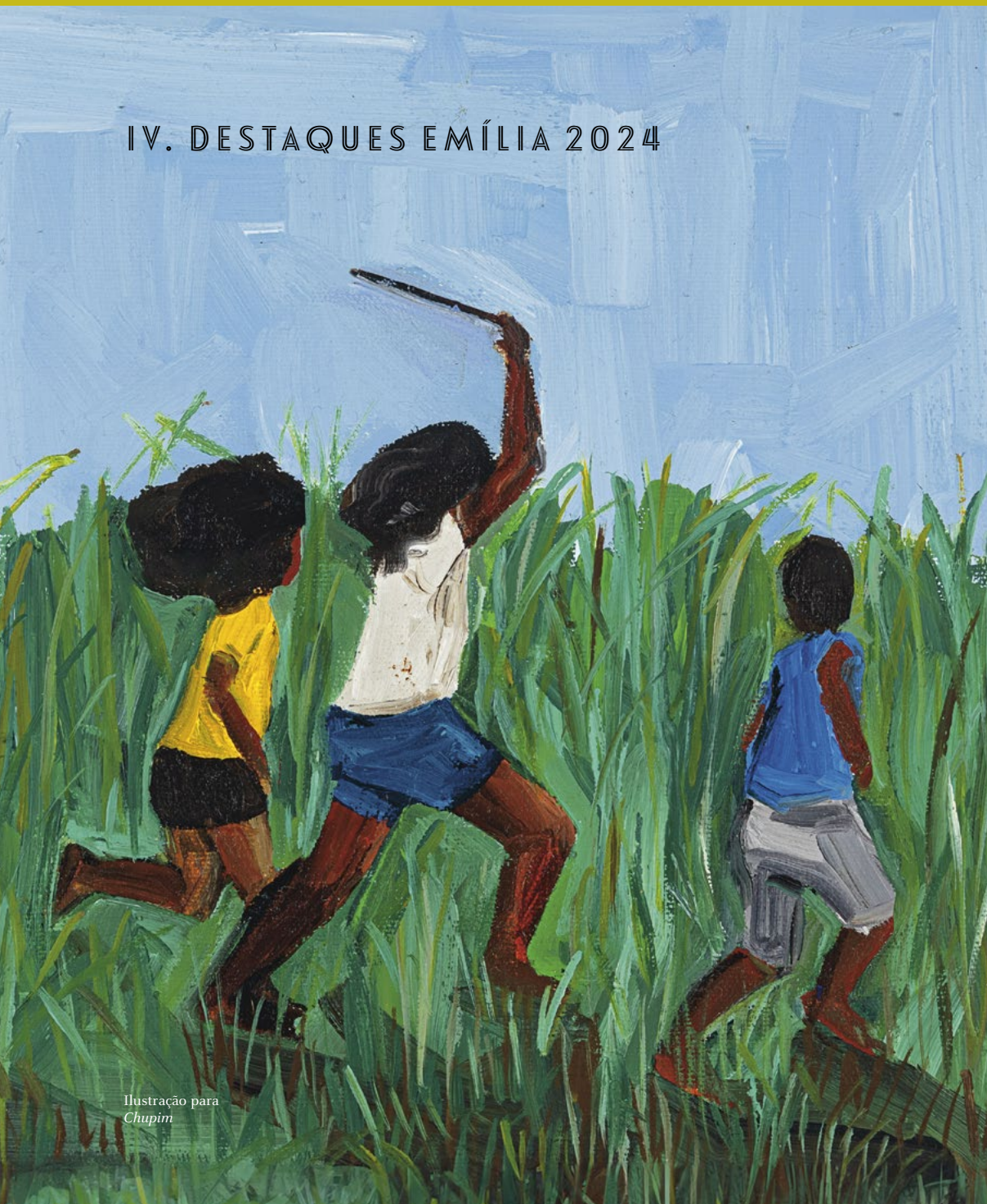


Ilustração para
Chupim

ARREBATADORES



A PRAIA
AUTORIA Sol Undurruga
EDITORA Barbante



AS MÃOS DO MEU PAI
AUTORIA Choi Deok-kyu
TRADUÇÃO Thaís Rimkus
EDITORA Boitatá e Pó de Estrelas



ESTÁTUA!
AUTORIA Renato Moriconi
EDITORA Companhia das Letrinhas



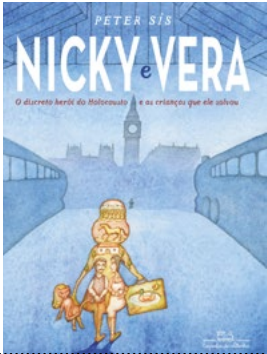
DESTAQUES EMÍLIA 2024 ARREBATADORES



HOJE EU VI UM PICA-PAU
AUTORIA Michał Skibiński
e Ala Bankroft
TRADUÇÃO Gabriel Borowski
EDITORIA Todavia



MUSEU
AUTORIA Javier Sáez-Castán
e Manuel Marsol
EDITORIA Barbante



**NICK E VERA: O DISCRETO
HEROI DO HOLOCAUSTO E AS
CRIANÇAS QUE ELE SALVOU**
AUTORIA Peter Sís
EDITORIA Companhia das Letrinhas



O ANJO DA GUARDA DO VOVÔ
AUTORIA Jutta Bauer
TRADUÇÃO Sofia Mariutti
EDITORIA Companhia das Letrinhas



O ASTRONAUTA
AUTORIA Carol Fedatto e Amma
EDITORIA Pequena Zahar



Ilustração para
O anjo da guarda do vovô



O JARDIM DA MINHA BABA
AUTORIA Jordan Scott e Sydney Smith
TRADUÇÃO Paula Marconi de Lima
EDITORIA Pequena Zahar



O LIVRO DO RISO
AUTORIA Denise Gonçalves
EDITORIA Barbatana

DESTAQUES EMÍLIA 2024 ARREBATADORES



O PORTEIRO
AUTORIA Vitor Rocha
EDITORIA Gato Leitor



O INVASOR
AUTORIA Daniel Cabral e Fereshteh Najafi
EDITORIA Boitatá



ORIGEM
AUTORIA Nat Cardozo com edição literária de María José Ferrada
TRADUÇÃO Rubia Goldini e Sérgio Molina
EDITORIA WMF Martins Fontes



SUBMERSOS
AUTORIA Estevão Azevedo e Vitor Belicanta
EDITORIA Caixote



VERÃO
AUTORIA Suzy Lee
TRADUÇÃO Ara Cultural
EDITORIA Companhia das Letrinhas

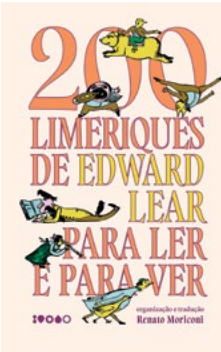


VOCÊ SE LEMBRA?
AUTORIA Sydney Smith
TRADUÇÃO Paula Marconi de Lima
EDITORIA: Pequena Zahar

Ilustração para
Origem



DESTAQUES EMÍLIA 2024 IMPERDÍVEIS



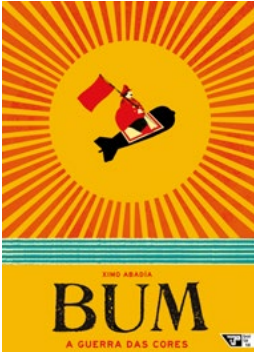
200 LIMERIQUES DE EDWARD LEAR PARA LER E PARA VER
AUTORIA Edward Lear
TRADUÇÃO E ORGANIZAÇÃO Renato Moriconi
EDITORIA Baião



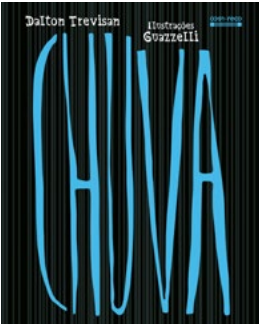
A MAMÃE DO PINTINHO
AUTORIA Heena Beak
TRADUÇÃO Ara Cultural
EDITORIA Companhia das Letrinhas



AS AVENTURAS DE VITÓRIO
AUTORIA Veridiana Scarpelli
EDITORIA Companhia das Letrinhas



BUM: A GUERRA DAS CORES
AUTORIA Ximo Abadía
TRADUÇÃO Monica Stahel
EDITORIA Boitatá



CHUVA
AUTORIA Dalton Trevisan e Guazzelli
EDITORIA Reco-reco



CONTINENTES
AUTORIA Gabriela Romeu e Anita Prates
EDITORIA Peirópolis



LANCHE NOTURNO
AUTORIA Eric Fan e Dena Seiferling
TRADUÇÃO Ligia Azevedo
EDITORIA Companhia das Letrinhas



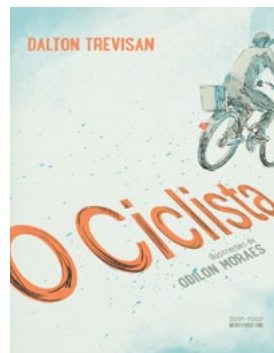
LOBO MAU COM DOR DE DENTE
AUTORIA Daniel Kondo
EDITORIA Carambaia

DESTAQUES EMÍLIA 2024 IMPERDÍVEIS



MAIOR MUSEU DO MUNDO!

AUTORIA Caio Zero
EDITORIA Pulo do Gato



O CICLISTA

AUTORIA Dalton Trevisan
e Odilon Moraes
EDITORIA Reco-reco



O DIA EM QUE VIREI UM PÁSSARO

AUTORIA Ingrid Chabbert e Guridi
TRADUÇÃO Livia Deorsola
EDITORIA Pequena Zahar



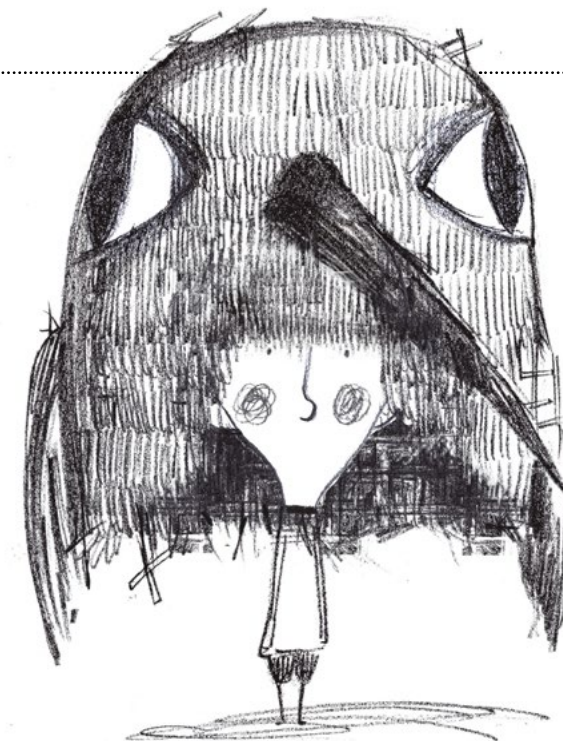
O HOMEM, O RIO E A CAIXA

AUTORIA Anabella López
EDITORIA PeraBook



OS FILHOS DA CORUJA

AUTORIA Graciliano Ramos
e Gustavo Magalhães
EDITORIA Baião



Ilustrações para
O dia em que virei um pássaro

DESTAQUES EMÍLIA 2024 RECOMENDÁVEIS



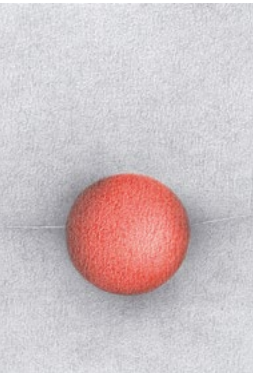
QUANDO VOCÊ SAI
AUTORIA Gastón Hauviller
TRADUÇÃO Ana Tavares
EDITORIA Pequena Zahar



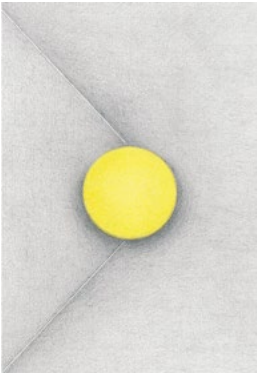
EU DEVIA ESTAR NA ESCOLA
AUTORIA Crianças moradoras de favelas da Maré
(escribas Ananda Luz e Isabel Malzoni)
EDITORIA: Caixote



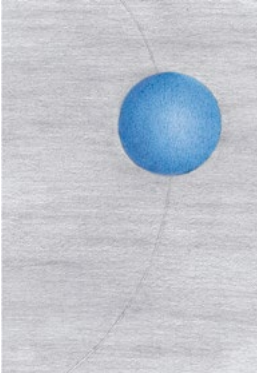
A POROROCA
AUTORIA Cláudia A. Flor d'Maria e
Liu Olivina
EDITORIA Companhia das Letrinhas



VERMELHO
AUTORIA Daniela Galanti
EDITORIA Barbatana



AMARELO
AUTORIA Daniela Galanti
EDITORIA Barbatana



AZUL
AUTORIA Daniela Galanti
EDITORIA Barbatana



AS INTERRUPTÕES
AUTORIA Nicolás Schuff
e Mariana Ruiz Johnson
TRADUÇÃO Luzia Pivetta
EDITORIA Gato Leitor



**BARBATUQUES: MÚSICAS, JOGOS
E BRINCADEIRAS**
AUTORIA André Hosoi, Barbatuques,
Charles Raszl, Fernando Barba, Flávia
Maia, Giba Alves, João Simão, Luciana
Cestari, Maurício Maas e Ana Starling
EDITORIA Peirópolis

DESTAQUES EMÍLIA 2024 RECOMENDÁVEIS



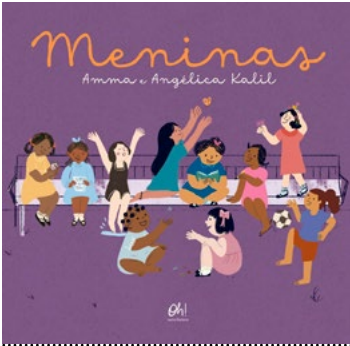
CHUPIM
AUTORIA Itamar Vieira Junior
e Manuela Navas
EDITORIA Baião



EUGÊNIO
AUTORIA Everson
Bertucci e João Vaz
EDITORIA Peirópolis



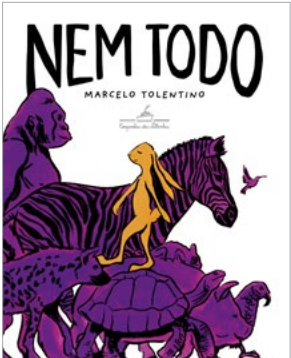
KUJÁN E OS MENINOS SABIDOS
AUTORIA Ailton Krenak e Rita Carelli
EDITORIA Companhia das letrinhas



MENINAS
AUTORIA Amma e Angélica Kalil
EDITORIA Oh! Outra história



MEU FAVORITO!
AUTORIA Eleonora Marton
TRADUÇÃO Ana Carolina Carvalho
EDITORIA Peirópolis



NEM TODO
AUTORIA Marcelo Tolentino
EDITORIA Companhia das Letrinha



O JARDIM LÁ FORA
AUTORIA Maira Chiodi
EDITORIA Jujuba



O VAZIO
AUTORIA Marianna Sztyma
TRADUÇÃO Olga Bagińska-Shinzato
EDITORIA Piu

DESTAQUES EMÍLIA 2024 RECOMENDÁVEIS



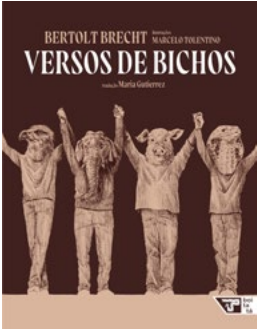
PAPAI, Ó
AUTORIA Marcelo Tolentino
EDITORIA Pequena Zahar



QUE PLANETA É ESTE?
AUTORIA Eduarda Lima
EDITORIA Companhia das Letrinhas



TERRA
AUTORIA Carol Fernandes
e Yuri de Franco
EDITORIA Companhia das Letrinhas



VERSOS DE BICHOS
AUTORIA Bertolt Brecht
e Marcelo Tolentino
TRADUÇÃO Maria Gutierrez
EDITORIA Boitatá



PAPAI PINTAVA
AUTORIA Odilon Moraes
EDITORIA Jujuba



Ilustrações para
Papai pintava



ANÁLISE DOS LIVROS SELECIONADOS

ARREBATADORES

A PRAIA

Autoria: Sol Undurraga

Editora: Barbante

A praia abre-se já na capa e no verso, duas imagens que, juntas, deslizam como convite: uma faixa de areia, banhistas que conversam com o mar, raios de luz preparando o dia. A partir desse limiar visual, Sol Undurraga determina não apenas o que mostrar, mas o modo de mostrar: nada é deixado fora do dia que se desenrola do amanhecer ao crepúsculo, com tudo e todos: gaivotas rasgando o céu, pescadores chegando primeiro, calor, risos, objetos vividos e lembranças que pulsam.

O formato imenso, robusto comparado à maioria dos livros infantojuvenis, não pesa apenas no corpo físico: ele pesa de bom modo, como se a própria praia se alargasse para comportar os muitos corpos, olhares e histórias. Há uma profusão de cenas: crianças construindo castelos de areia, redes lançadas ao mar, sombras sob guarda-sóis, convívio, intimidade, descoberta. E aí, como um lume que chama, surge uma trupe de animais - personagens à parte, invisíveis ao primeiro olhar, mas cuja presença dá tensão e diversão ao percorrer de página a página. Procurá-los torna-se parte do prazer da leitura.

A paleta de cores explodindo em vermelho, amarelo, azul, com feixes de rosa, combina com o traço vigoroso de Undurraga, capaz de sobrepor, infletir

e sugerir profundidade em cenas aparentemente simples. A praia torna-se microsociedade, lugar onde corpos diversos coexistem: pescadores, banhistas, crianças, transeuntes, talvez criaturas de imaginação. Cada dupla de páginas pede por ser demorada, cada detalhe visual desloca o olhar. A edição da Barbante reforça esse jogo: papel, acabamento, tamanho se fazem gesto perceptual; o livro-objeto torna-se performance visual, digna de ser folheada, observada, admirada.

Sol Undurraga, com sua formação arquitetônica, revela-se artesã de espaços visuais, ela constrói o livro como edifício de luz, de silêncios entre as cenas, de contrastes de sombra e claridade, de gestos humanos tão vivos que quase sentimos a areia sob os pés. E é aí que *A praia* se conecta com o pensamento de Italo Calvino: com sua noção de que a literatura (ou a narrativa visual) deve “dar a ver com palavras e imagens”, abrir janelas para o invisível, para aquilo que o leitor precisa completar, imaginar, sentir. Em *A praia*, pouca coisa é explícita; muito é sugerido e essa sugestão é precisamente a sua força. O leitor é convocado a participar, não a consumir. [Talula Montiel Trindade]

AS MÃOS DO MEU PAI

Autoria: Choi Deok-kyu

Tradução: Thaís Rimkus

Editora: Boitatá e Pó de Estrelas

As mãos do meu pai é um livro-imagem que destaca a ternura entre gerações ao cruzar as histórias do filho com o pai em diferentes tempos da vida. Premiada com Menção Especial no Bologna Ragazzi 2022, a obra do autor coreano Choi Deok-kyu apresenta uma narrativa visual, com apenas uma única frase em texto verbal, que amarra o sentido do livro sobre etapas da vida.

O enredo, construído por imagens, acompanha um homem que é pai e filho ao mesmo tempo. A história se alterna entre o passado, quando as mãos fortes

do pai amparam os primeiros passos do filho, e o presente, quando os papéis se invertem e o filho retribui o cuidado agora ao pai em idade avançada. A narrativa é linear e cíclica ao mesmo tempo, mostrando que as mãos que guiaram um dia, em outro serão guiadas.

As ilustrações em traços suaves e cores sóbrias, conferem um tom íntimo de caderno à narrativa. A ausência de texto dá o espaço necessário ao leitor para assimilar as emoções. O projeto gráfico com capa dura e as guardas que dão pistas da passagem do tempo reforçam o caráter singular da obra, combinado também a luva, recurso que abraça o livro.

O livro tem grande relevância em sua temática. Além de apresentar a relação entre gerações, subverte estereótipos de masculinidade, quebrando o patriarcado e associando o cuidado a figuras masculinas. A obra celebra a intergeracionalidade e a vulnerabilidade entre homens, tornando-se uma ferramenta poderosa para discussões sobre empatia e o ciclo da vida. *As mãos do meu pai* é um livro que, com sua narrativa sensível, nos convida a repensar a complexidade das relações familiares. [Camila Petrovitch]



Ilustração para
As interrupções

ESTÁTUA!

Autoria: Renato Moriconi

Editores: Companhia das Letrinhas

Moriconi volta a surpreender. O autor brasileiro, que já ganhou vários prêmios importantes, dentro e fora do país, nos apresenta a Bárbara (certamente uma referência a um dos seus livros mais famosos, *Bárbaro*), uma menina com grandes óculos, cabelo cheio e um laço de fita que parece uma borboleta. Ela conta até dez e... começa a brincadeira!

O formato do livro exageradamente horizontal (em contraste com a verticalidade de *Bárbaro*), favorece a correria. As ilustrações feitas com ceras conseguem unir precisão – ao representar com mestria o movimento dos corpos – à imprecisão – dada pelo próprio material, que faz parecer que o ilustrador também estava correndo. Bárbara é a pegadora e vai congelando um a um os colegas. O ritmo é dado pela mecânica da brincadeira, alternando páginas cheias de meninos e meninas tentando escapar e outras mais despejadas, mostrando o momento da captura. É fácil reconhecer a brincadeira de pega-pega estátua, mas se prestarmos atenção, veremos que tem alguma coisa errada.

No jogo real, as estátuas podem ser “salvas”, mas no livro isso não acontece. Bárbara paralisa todo mundo, inclusive os adultos que se interpõem no seu caminho, até que já não sobra mais ninguém. O impasse se rompe com um chamado: “Bárbara!”. “Já vou, mãe!”. Só na última página se desvela o mistério: a mãe da menina é uma bruxa que vem buscar a filha e as duas saem voando numa vassoura deixando todo mundo petrificado.

O encontro entre o mundo conhecido das brincadeiras e o mundo mágico surpreende e diverte por ser inesperado. Dá vontade de começar tudo de novo e prestar mais atenção a todos os detalhes. O projeto é despojado, praticamente sem palavras e tem como único objetivo a fruição do leitor. Vale a pena ler a biografia do autor no final, onde ele mistura a sua história com a do livro com muito sentido de humor. [Madalena Elek]

HOJE EU VI UM PICA-PAU

Autoria: Michał Skibiński e Ala Bankroft

Tradução: Gabriel Borowski

Editora: Todavia

Premiado com Menção Especial *Opera Prima* no Bologna Ragazzi 2020, *Hoje eu vi um pica-pau* é uma obra de não-ficção ilustrada que transcende o livro infantil, tornando-se um documento histórico sobre a resiliência da infância na guerra. A obra é a reprodução de um diário de Michał Skibiński, escrito em 1939, quando ele tinha apenas oito anos. O relato sutil, com sua caligrafia de criança, se contrasta com a brutalidade dos acontecimentos históricos.

O enredo é uma, inicialmente, simples sequência de anotações diárias requeridas pela professora. As primeiras entradas são sobre brincadeiras e a natureza, mas o tom muda abruptamente em 1º de setembro de 1939, com a frase: “Começou a guerra”. A partir daí, as observações do menino misturam o cotidiano de um menino de oito anos com os horrores do conflito que se instala ao seu redor.

Ala Bankroft ilustra as cenas com pinturas em guache e lápis de cor, amplia as interpretações do texto. Nas primeiras páginas, as cores são vibrantes e leves, capturando certa leveza. Conforme o diário avança, a paleta se torna mais sombria, traduzindo a tensão instaurada. Essa dualidade entre a escrita no diário e as pinceladas confere potência à obra.

Os aspectos paratextuais reforçam o caráter documental do livro. As escolhas gráficas se aproximam de um caderno escolar, com linhas pautadas próprias de materiais escolares. O livro aborda a guerra a partir da perspectiva de uma criança, revelando como grandes eventos afetam a vida cotidiana. *Hoje eu vi um pica-pau* é uma obra essencial para leitores de todas as idades, que nos convida a confrontar o passado e a valorizar a humanidade que sobrevive mesmo nos momentos mais sombrios. [Camila Petrovitch]

MUSEU

Autoria: Ala Bankroft Javier Sáez-Castán e

Manuel Marsol

Editora: Barbante

Celebramos a chegada ao Brasil desse livro-imagem, publicado inicialmente pela editora espanhola Fulgencio Pimentel em 2019 e agora pela Barbante.

Uma camionete viaja por uma estrada deserta quando tem um problema mecânico que obriga o seu único ocupante a descer e procurar ajuda. Na beira da estrada ele vê uma casa. Se trata de um museu, mas não um museu qualquer. Alguns detalhes da casa parecem vivos, como os grandes olhos da fachada que espreitam o visitante. Não há ninguém, mas na porta há uma mensagem convidando a entrar. O protagonista logo se dará conta de que os quadros escondem mistérios e podem conter perigos. Realidade e fantasia, materialidade e representação misturam-se, e geram uma espécie de *thriller* inquietante, maluco e divertido.

Marsol utiliza os pincéis para criar imagens vigorosas, ricas em detalhes e em intertextualidades, trazendo referências do universo cinematográfico e das artes plásticas.

Atenção para a utilização dos paratextos para enriquecer a narrativa e criar um projeto redondo. Capa e quarta capa simulam um quadro visto de frente e de trás. O título, os autores e a informação editorial também se adaptam a esta ideia e as guardas se integram perfeitamente à narração.

Sáez-Castán e Marsol, dois multipremiados autores, unem os seus talentos nessa deliciosa aventura, uma narrativa imagética exigente, que pede inúmeras idas e vindas nas páginas, um olhar atento e um cérebro ativo. Uma obra divertida e original, que permite muitas interpretações e camadas de leitura e nos deixa pensando sobre o que define afinal um museu. [Madalena Elek]

Ilustração para
Origem



NICK E VERA: O DISCRETO HERÓI DO HOLOCAUSTO E AS CRIANÇAS QUE ELE SALVOU

Autoria: Peter Sís

Tradução: Érico Assis

Editora: Companhia das Letrinhas

Escrito e ilustrado por um dos mais premiados autores da literatura para as infâncias, *Nicky e Vera: O discreto herói do Holocausto e as crianças que ele salvou*, de Peter Sís, em tradução para o português brasileiro de Érico Assis, narra as trajetórias do britânico Nicholas Winton — responsável por salvar quase 700 crianças tchecoslovacas do extermínio nazista no início da Segunda Guerra Mundial — e de Veruška (Vera) Diamantova, uma das crianças embarcadas no sétimo trem saído de Praga, o penúltimo, com destino a Londres.

O inestimável legado de Winton, o Nicky, só se tornou amplamente conhecido em 1988, com sua famosa aparição no canal de televisão britânico BBC, quando foi surpreendido ao reencontrar algumas das crianças salvas por suas ações. Filmes, livros e reportagens também se encarregaram de aprofundar essas histórias. Mas, afinal, a quem se dirigem essas produções?

Vencedor do Hans Christian Andersen, principal prêmio da literatura infantojuvenil mundial, Peter Sís apresenta, de maneira muito poética e delicada, os caminhos de Nicky e de Vera, tencionando o olhar para os “heróis discretos e relutantes” e para acontecimentos “mais próximos das nossas vidas do que imaginávamos” — o ilustrador nasceu em Brno, na Tchecoslováquia. O que o motivou a criar a obra, no entanto, foi uma visita ao Museu Nacional de Praga com seu filho Matej, então com quinze anos.

Peter Sís não apenas reafirma a concepção de que temas difíceis e dolorosos podem — e devem — ser observados, reconhecidos e compreendidos pelas crianças, mas também reforça, com suas imagens simbólicas, que todas as pessoas carregam suas histórias interiores. [Milena Buarque]

O ANJO DA GUARDA DO VOVÔ

Autoria: Jutta Bauer

Tradução: Sofia Mariutti

Editora: Companhia das Letrinhas

O anjo da guarda do vovô, de Jutta Bauer, é uma dessas obras que não oferecem atalhos nem soluções simplórias ao leitor. Com a delicadeza de suas ilustrações, que parecem guardar silêncios e pausas, a autora alemã, reconhecida mundialmente e recentemente falecida, nos convida a acompanhar um avô que narra sua vida entre riscos, escolhas e arrependimentos. No entanto, a cada passo de sua história, o leitor descobre algo que o narrador não sabe: a presença discreta de um anjo, que atravessa os perigos e os desvios com gestos quase invisíveis.

É aí que o livro revela sua força. Somos nós, leitores, que guardamos esse segredo, somos nós que enxergamos o que o avô não percebeu. O livro nos coloca na posição de cúmplices silenciosos, confidentes de um mistério que não pode ser revelado àquele que fala. Esse deslocamento, entre o que se diz e o que se mostra, entre o que se lembra e o que se esconde, confere à narrativa uma densidade rara, própria das obras que respeitam a inteligência e a sensibilidade de quem lê.

As imagens de Bauer são de uma sutileza comovente: cores contidas, traços que sugerem mais do que dizem, espaços brancos que parecem abrigar o tempo e a memória. Não é apenas o avô que revisita sua vida; é o leitor que, página após página, se vê confrontado com a fragilidade da existência, com o acaso dos encontros, com a beleza discreta daquilo que quase não se vê.

A leitura de *O anjo da guarda do vovô* exige entrega – é um livro que não poupa, mas acolhe. Que não simplifica, mas abre espaço para a beleza, mesmo diante da finitude.

Um gesto literário e artístico que confirma porque Jutta Bauer foi e seguirá sendo uma das grandes vozes da literatura para as infâncias: capaz de transformar um segredo em experiência compartilhada e silenciosa, guardada dentro do leitor como uma memória que também é sua. [Talula Montiel Trindade]

O ASTRONAUTA

Autoria: Carol Fedatto e Amma

Editora: Pequena Zahar

Metáforas incomuns e ao mesmo tempo tão capazes de comunicar: um astronauta que sonha com os pés no chão, até que um dia sai de órbita. O livro carrega delicadezas e achados poéticos que nos colocam diante de uma das questões fundamentais da nossa existência: o envelhecimento e a hora da partida.

É assim que todo mundo vira um pouco personagem, e cada personagem vira a gente – nesse vaivém de afetos somos o astronauta, a lua, a cratera, a memória que se perde e o espanto diante disso, as coisas esquecidas ao longo da vida. A epígrafe da poeta polonesa Wislawa Szymborska, no início do livro, anuncia uma síntese do sentimento de quem passou ou passa por isso: “O absurdo os obrigou a disfarces”.

O texto, as ilustrações, o projeto gráfico e o uso das cores nos mostram a cada página a percepção e o imaginário da garota narradora de que “era tudo tão estranho” na história do pai e seu contínuo “desligamento” do mundo. Um desligamento que é evidenciado pelas entrelinhas do dito e pelo não dito do texto de Carol Fedatto em combinação com as imagens criadas pela ilustradora Amma.

Nessas imagens, há diversos detalhes para leitura que nos ajudam a entender quem é esse personagem aos olhos da menina: a caixa apontando a fragilidade, a escolha dos quadros na parede, os objetos e a composição das

cenas, a roupa e os acessórios que o pai usa, a mudança das cores, a passagem do tempo representada em grandes alterações, a feição indo embora do rosto do personagem. A humanidade, seus limites e circunstâncias, está em cada página.

Tudo neste livro é um convite à leitura, à imaginação e à reflexão – a história diz respeito a todos nós, em qualquer fase da vida, e pode fomentar muitas conversas com as crianças. O livro traz ainda QR-code que dá acesso a materiais complementares com acessibilidade. [Aurélio de Macedo]

O JARDIM DA MINHA BABA

Autoria: Jordan Scott e Sydney Smith

Tradução: Paula Marconi de Lima

Editora: Pequena Zahar

O livro apresenta a relação entre um menino e sua avó, marcada por gestos cotidianos, silêncios e memórias que se transformam em poesia. Não há aqui grandes acontecimentos, mas a delicadeza de um vínculo afetivo que se constrói no cuidado, nos pequenos rituais e no tempo compartilhado. A obra, em sua aparente simplicidade, alcança uma dimensão arrebatadora, mostrando como a literatura pode transformar uma cena singela em uma experiência estética profunda.

A parceria entre autor e ilustrador, já consolidada em outras obras, aqui é ainda mais especial. O texto poético de Scott encontra nas aquarelas de Smith uma tradução delicada e potente, que amplia sentidos e convida o leitor a acessar camadas subjetivas. Ao acompanhar essa história, também nos vemos refletidos nos nossos próprios laços familiares e nas memórias que nos constituem.

O projeto editorial é igualmente cuidadoso: a tradução preserva o ritmo pausado da prosa poética, enquanto as ilustrações criam respiros, espaços

de silêncio e de contemplação. Texto, imagem e materialidade do livro se articulam para produzir uma experiência estética única, na qual o leitor é chamado a sentir tanto quanto compreender.

O destaque da obra está nesse equilíbrio raro, pois consegue tratar de temas densos como o envelhecimento, memória e deslocamentos com suavidade, sem perder o ritmo e a potência narrativa. Ao mesmo tempo, celebra o gesto mais simples, um sopro de acontecimento, como território para a poesia. Por isso, *O jardim da minha Baba* é um livro que permanece e ressoa em cada leitor de modo profundo e singular, reafirmando o lugar da literatura como encontro de afetos. [Dianne Melo]

O LIVRO DO RISO

Autoria: Denise Gonçalves

Editora: Barbatana

“Qual é a diferença entre sorriso, riso e gargalhada?”

“Por que algumas pessoas não riem? Esta pergunta é séria?”

“Por que rimos em situações em que não podemos rir?”

O livro do riso, da ilustradora e poeta Denise Gonçalves, explora a leveza e a complexidade de uma das mais importantes manifestações humanas: o riso. Nele, a ficção e a não ficção andam de mãos dadas porque o leitor encontrará importantes questionamentos (alguns sem respostas), informações sérias, curiosidades, piadas, trocadilhos, instruções para uma boa risada e até um exame de piadas para testar seu nível de humor. Não se trata de uma análise teórica sobre o riso mas, sim, de uma celebração dele em suas múltiplas facetas: o riso tímido, o riso solto, o riso compartilhado e até mesmo o riso que esconde a tristeza.

Em forma de almanaque, este livro faz um convite ao leitor para um mergulho numa jornada divertida e reflexiva, em que o riso é apresentado não apenas como uma reação, simplesmente, mas como uma forma de comunicação e expressão. Considerando a relação entre o texto e as imagens, são muitas as camadas que podem ser exploradas pelos leitores. As páginas amarelas, pretas e brancas acolhem os curiosos personagens e elementos criados a partir de colagens, recortes de fotografias e desenhos. O texto verbal ganha tipografias com letras, tamanhos e cores variadas e coloca informações em destaque, ao mesmo tempo em que marcam a intencionalidade da artista. Faces e bocas distintas mostram seus dentes (nem sempre) e faz o universo do riso ganhar forma, cor e movimento.

Mas afinal, “Por que um livro sobre o riso?” Por que é preciso cuidar das engrenagens do humor? Ou por que rir é o melhor remédio? [Bárbara Franceli Passos]

O PORTEIRO

Autoria: Vitor Rocha

Editores: Gato Leitor

Já imaginou viver em função do relógio, e não pausar nem para um cafezinho? Seria um emprego precário ou um pesadelo claustrofóbico? Neste livro narrado em imagens pelo ilustrador Vitor Rocha, o porteiro Alberto protagoniza uma história vertiginosa, marcada pelo excesso de acontecimentos e o acúmulo de funções. No maçante abre-e-fecha de portões de seu trabalho, ele sucumbe.

Se há poucos trabalhadores em papéis principais na literatura para as infâncias, talvez nos falte a criatividade de vislumbrá-los como as criaturas mágicas dos contos maravilhosos – feito “os ajudantes” que o filósofo Gior-

gio Agamben brinca de descrever como seres mensageiros, que vencem a utilidade das coisas, mesmo que desconheçam o destino daquilo que devem entregar.

A partir do esgotamento do personagem, a trama sinaliza um rearranjo na dinâmica no condomínio, que só se transforma quando Seu Alberto sai momentaneamente de cena. O personagem central, então, se restitui como a criatura filosófica do ajudante, que retorna à vida comum com outras possibilidades de existência coletiva.

O porteiro demonstra o ímpeto da literatura sem palavras: construir, com imagens, um outro mundo de imagens. Tanto linguagem quanto enredo convidam a desafiar regras da lógica adulta: pressa, invisibilidade, individualismo. “E por que motivo deveriam colaborar com o que o mundo considera sério, quando na verdade não passa de loucura?”, escreveu Agamben sobre os ajudantes, esses “observadores atentos”, de “olhos cintilantes”.

[Renata Penzani]

Ilustração para
O anjo da guarda do vovô



O INVASOR

Autoria: Daniel Cabral e Fereshteh Najafi

Editora: Boitatá

Com texto de Daniel Cabral e ilustrações de Fereshteh Najafi, o livro-álbum publicado pela Boitatá propõe uma experiência de leitura que transcende o convencional, ao explorar com maestria a relação entre texto, imagem e objeto livro.

A trama acompanha um grupo de animais que, ao ouvir um som estranho na floresta, inicia uma fuga coletiva. A cada página, novos animais se juntam ao grupo, ampliando o suspense e a expectativa. O clímax sugere que o invasor é, na verdade, o leitor. Uma reviravolta que subverte a lógica da leitura e convida à reflexão sobre o papel do humano na natureza. Essa virada é construída com precisão, por meio de pistas visuais e textuais discretas, como olhos ocultos nas árvores e menções às páginas, que antecipam o desfecho sem comprometer a surpresa.

O texto de Cabral é econômico e ritmado, favorecendo a oralidade e o envolvimento dos leitores. Se atualiza como um conto de acumulação, trazendo a contagem de forma implícita, bem-humorada, sem cair no didatismo, mantendo o foco na narrativa e na tensão crescente. Já as ilustrações de Najafi são exuberantes e detalhadas, com uso expressivo de cores e texturas que evocam a densidade da mata e a diversidade dos bichos, compondo um jogo de cena com as páginas para colocar o leitor em movimento, junto com os animais e ao mesmo tempo provocar um olhar mais atento nas expressões das árvores que são elementos fundamentais na narrativa. A técnica empregada combina pintura e colagem digital, também contribui para a sensação de movimento e urgência, reforçando o clima de perseguição.

O projeto gráfico valoriza essa interação, com diagramação fluida e uso inteligente do espaço da página. A capa também merece destaque, com olhos que parecem nos observar, já propõe o jogo de inversão que será revelado ao final.

Em termos temáticos, O invasor dialoga com questões ambientais e antropocêntricas de forma sutil, sem moralismos. Ao colocar o leitor como parte do texto, a obra provoca uma inversão de perspectiva que convida à empatia e à autocrítica. Trata-se de um recurso estético, que desafia o leitor a ocupar um lugar ativo e reflexivo na leitura.

O livro recusa simplificações ou mediações excessivas: a tensão narrativa e a virada final são construídas com sutileza, confiando na capacidade interpretativa do leitor.

A narrativa é coesa, original e esteticamente refinada, consolidando O invasor como uma obra arrebatadora para os Destaques Emília. [\[Caroline Hornos\]](#)

ORIGEM

Autoria: Nat Cardozo com edição literária de María José Ferrada

Tradução: Rubia Goldini e Sérgio Molina

Editora: WMF Martins Fontes

Origem é um livro informativo que nos aproxima a vinte e dois povos originários espalhados pelo mundo, num projeto sério, bem-cuidado e, ao mesmo tempo, delicado e inspirador. Nat Cardozo, a pessoa por trás deste lindo trabalho, dedicou dez anos pesquisando, escrevendo e desenhando o material que deu origem ao livro, editado inicialmente na Espanha por Libros del Zorro Rojo em 2023. Toda essa dedicação, esforço e carinho se notam, o resultado é original e emocionante: tem alma. Cada uma das culturas representadas é única, porém todas elas têm em comum a maneira em que se relacionam com a natureza, com base no respeito, na coerência, no equilíbrio e na gratidão.

Para contar essas histórias, Cardozo cria vinte e dois personagens, crianças pertencentes a cada um desses povos, com rosto e voz própria. Os relatos em primeira pessoa são ficcionados, porém baseados em informações reais. O texto consegue transmitir a essência de cada povo através dessa voz infantil, de



Ilustração para
As mãos do meu pai

maneira acessível, poética e verossímil, e permite uma maior conexão com o pequeno leitor.

Uma ilustração retratando o rosto da criança narradora com traços e adornos típicos acompanha cada texto. Uma segunda camada de informação é acrescentada: a paisagem da região em que ela vive aparece encaixada com delicadeza sobre a sua fisionomia. Uma ideia que impacta e emociona por sua beleza, capacidade de síntese e originalidade, além de concretizar um dos temas fundamentais do livro, a de que habitamos a natureza e, ao mesmo tempo, somos habitados por ela. As imagens foram feitas com pirogravura e pintura acrílica sobre madeira.

O livro ainda inclui uma introdução da autora, um mapa ilustrado, alguns textos informativos e um QR-code para os que queiram saber mais. No final, um último personagem nos é apresentado, uma criança de um entorno urbano-tecnológico. O seu retrato vai acompanhado de uma mensagem da autora lembrando que, mesmo morando numa grande cidade, também fazemos parte desse todo que é o planeta. [Madalena Elek]

SUBMERSOS

Autoria: Estevão Azevedo e Vitor Belicanta

Editora: Caixote

Estevão Azevedo conta que começou a escrever o roteiro de *Submersos* em 2017. Em 2022, encontrou o parceiro que procurava para materializar sua ideia. Em 2024, enfim, o livro foi lançado. Valeu a pena esperar, pois, na edição deste ano (2025) da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, *Submersos* foi considerado por um júri internacional como um dos melhores livros do mundo na categoria “Sustentabilidade”.

A história começa quando um grande vazamento de petróleo provoca a dispersão dos animais marinhos, que fogem para sobreviver. No entanto, em vez de se mudarem para outros mares, eles buscam refúgio em uma cidade costeira, “invadindo” o espaço dos humanos.

No início, apenas um pouco de água pode ser visto pelas ruas, mas logo o cenário se transforma: leões marinhos, orcas e polvos passam ter seus próprios apartamentos; ônibus e vagões de metrô viram verdadeiros aquários para transportar tubarões, golfinhos e arraiais; canais de televisão se adaptam aos interesses dos novos espectadores.

A vida na cidade muda completamente, deixando a maioria das pessoas muito bravas. Só quem fica contente e parece gostar da novidade são as crianças, as únicas que aparecem com um sorriso no rosto nas belíssimas ilustrações. Além delas, alguns adultos se posicionam a favor dos animais quando o caso do vazamento de petróleo chega aos tribunais, mais para o fim do livro. Na porta do Fórum, elas empunham cartazes com os dizeres “Petróleo não se bebe”, “Ame o mar”, “A Terra é nossa mãe”, etc.

Vitor nos presenteia com outros detalhes, que contextualizam e reforçam o caráter político do livro, como a loja chamada “Compre menos”, o cartaz que anuncia a candidatura de um leão marinho para presidente, os documentos

da “bancada humana” no julgamento, nos quais se lê: “esconder”, “secreto”, “confidencial”, “sigilo”.

Chama a atenção também o fato do juiz que vai dar o veredito sobre o caso ser uma tartaruga, ou seja, um membro do grupo que luta pela preservação do planeta, não do grupo que defende o lucro acima da vida, que é o que costuma estar no poder e ditar as regras.

No livro, os animais saem vencedores e voltam a povoar e colorir o mar. Alguns humanos nadam, com apetrechos de mergulho, junto a eles, mostrando que, quando há respeito, é possível conviver em harmonia. Na última página, o navio petroleiro aparece naufragado, como símbolo da derrota do capitalismo selvagem. Na biografia dos autores, tanto no texto quanto na imagem, em que aparecem submersos, eles também se posicionam como pessoas preocupadas com o descaso com que os humanos têm tratado o planeta Terra.

Neste livro-imagem belíssimo e potente, o que está submerso é trazido à tona numa tentativa de conscientizar as pessoas sobre a centralidade e a urgência das pautas ligadas à sustentabilidade. [Silvia Nogueira Zerbini]

VERÃO

Autoria: Suzy Lee

Tradução: Ara Cultural

Editora: Companhia das Letrinhas

O que pode um dia de verão? Adultos, crianças, um bebê e até um cachorro se divertem com a simplicidade e o entusiasmo que só um dia quente pode proporcionar. O prenúncio da estação é retratado nesta obra de forma extraordinária pela artista sul-coreana, que mais uma vez arrebatou leitores de todas as idades.

Inspirada pelo conjunto de concertos *As quatro estações*, de Vivaldi, Suzy Lee convida os leitores a “se acomodarem nos assentos reservados para ver e

Ilustração para
O porteiro



ouvir a orquestra”. O resultado é uma experiência estética rara e profunda, na qual a natureza se revela pela harmonia das notas musicais, pelas pinceladas de cores, pelos traços e texturas que dizem mais do que palavras. A autora une a força de uma obra musical que atravessa séculos, e permanece viva em cada nova geração, às brincadeiras preferidas das crianças em dias quentes, especialmente aquelas com água.

Dividido em três movimentos, assim como o concerto original, o livro proporciona uma experiência sinestésica e multimodal. Um QR-code ao final dá acesso à interpretação de *Verão*, por John Harrison, ampliando o encontro entre música e imagem. À medida que a narrativa visual se desenrola, acompanhada pela melodia, o leitor sente a temperatura, percebe a brisa, o vento e o escurecer das nuvens carregadas, acompanha a tempestade e a fúria da natureza em raios e trovões, até alcançar o cheiro da terra molhada, a calmaria e o arco-íris. Para os bons observadores, há ainda um elemento gráfico que se repete a cada página, instaurando uma brincadeira imagética que só as grandes narrativas visuais conseguem oferecer.

Verão é uma obra de arte arrebatadora e imperdível, recomendada a crianças e adultos que desejam experienciar a intensidade da estação sem sair de casa. [Dianne Melo]

VOCÊ SE LEMBRA?

Autoria: Sydney Smith

Tradução: Paula Marconi de Lima

Editora: Pequena Zahar

“A memória é uma ilha de edição”, escreveu Waly Salomão. Neste livro – com tradução de Paula Marconi de Lima –, esse editor é uma criança que acha graça em colorir as lembranças de cores vívidas. Talvez para que se tornem, elas mesmas, uma ilha para onde se pode voltar sempre.

A partir da linguagem característica de Sydney Smith (Prêmio Hans Christian Andersen), conhecido por associar múltiplas perspectivas narrativas – *Falo como um rio* (2021), *Pequenino na cidade* (2022) e *O jardim da minha babá* (2024) – o leitor visita um instante em que tudo se transforma na vida de um menino. Sua casa não é mais a mesma e a vida parece esperar dentro de um mundaréu de caixas de papelão. O dia da mudança o faz lembrar o passado como quem se agarra em uma boia salva-vidas.

Antes de dormir, o menino repassa recordações em que se reconhece: um aniversário, um piquenique, uma bicicleta surpresa. Porém, o filme de sua cabeça contrasta com o que ele vê ao redor: uma pilha de objetos desconfortáveis e fora de lugar. Articuladas em detalhes, palavras se intercalam com as ilustrações para alcançar o texto que só existe no encontro. As imagens mesclam passagens vibrantes com outras soturnas, favorecendo o jogo entre memória e experiência que a infância suscita.

Você se lembra? dá vida ao momento em que a criança descobre que todos temos a capacidade de criar histórias memoráveis. “Não preciso ir a lugar nenhum para encontrar o inusitado”, declarou Sydney Smith em entrevista recente. O autor desvia da urgência do adulto para alcançar a criança em sua inquietude, que é instigada a olhar de novo para o momento presente, vivê-lo com intensidade (quem sabe até editá-lo com capricho?), e enfim soltar a boia do tempo rumo à próxima paisagem. [Renata Penzani]



IMPERDÍVEIS

200 LIMERIQUES DE EDWARD LEAR PARA LER E PARA VER

Autoria: Edward Lear

Tradução e organização: Renato Moriconi

Editora: Baía

Traduzir Edward Lear (1812 – 1888) para o português é, antes de tudo, aceitar o convite para brincar com a língua, com as imagens e com o nonsense. Foi isso que Renato Moriconi fez em *200 limeriques de Edward Lear para ler e para ver*, seleção que reúne versos do poeta inglês (1812–1888), referência maior do gênero e um dos pais da literatura do absurdo ao lado de Lewis Carroll.

Os limeriques são pequenas composições de cinco versos rimados no padrão AABBA, quase sempre acompanhadas de desenhos. Surgiram no século XIX como uma forma leve e espirituosa de poesia. Lear ajudou a popularizá-los, combinando humor excêntrico, personagens extravagantes e ilustrações igualmente insólitas.

A edição brasileira preserva esse espírito, mas acrescenta um sabor novo: Moriconi, em sua estreia como tradutor, opta por abrigar os poemas, inserindo expressões, lugares e referências culturais próximas do nosso cotidiano. Assim, o leitor encontra não apenas velhinhas caricatas ou homens montados em ursos, mas também figuras que caem no rio Tietê ou moças de Lagoa do Mato que ensinam patos a dançar.

Esse gesto de transposição cultural vai além da literalidade da tradução. É uma recriação que aproxima a tradição nonsense inglesa do humor brasileiro, mantendo a cadência dos versos e a surpresa das imagens. Para dar consistência a essa empreitada, Moriconi contou com a leitura crítica do poeta e tradutor Guilherme Gontijo Flores, garantindo equilíbrio entre fidelidade ao original e liberdade criativa.

Outro destaque da obra está nas ilustrações originais de Lear, feitas a nanquim e bico de pena, que acompanham os poemas e reforçam a atmosfera cômica. A interação entre palavra e imagem amplia o riso e a estranheza, estimulando a imaginação de crianças e adultos.

No fim, trata-se de uma celebração da poesia que propõe um jogo entre línguas, culturas e tempos diferentes. Uma obra que reafirma que rir do absurdo também é uma forma de compreender o mundo. [Carolina P. Fedatto]

A MAMÃE DO PINTINHO

Autoria: Heena Beak

Tradução: Ara Cultural

Editora: Companhia das Letrinhas

A obra *A mamãe do pintinho* narra a história de Ninhá, uma gata antipática que gostava de atormentar animais menores, até que é surpreendida com um pintinho que sai de dentro dela após comer um ovo. A partir dessa narrativa, o livro proporciona reflexões acerca da maternidade e da forma como a relação com o outro pode transformar nosso relacionamento com o mundo. Apesar de esse tema já ser amplamente explorado na literatura infantil, o modo como a narrativa se desenrola torna a jornada de redenção da protagonista pouco óbvia. O cenário surreal em que um ovo se desenvolve após ser engolido por uma gata, a maneira como ela lida com sua “gravidez” e com o pintinho adiciona um humor inesperado, pouco usual nos livros de literatura infantil. A gata fica surpresa com o que o pintinho a faz sentir, de modo que sua mudança de comportamento parece genuína, conferindo maior dimensão à personagem.

As ilustrações, em carvão e aquarela, contribuem para o clima da obra, uma vez que a escolha dessas técnicas, sóbrias e texturizadas, dialoga com a natureza séria, rude e enigmática de Ninhá. A guarda também contribui para a construção de sentido da obra: na guarda inicial, há pegadas da gata sozinha;

já na guarda final, as pegadas do pintinho se juntam às dela. Um elemento que deve ser considerado na análise deste livro é o texto da quarta capa que revela diversos aspectos da obra, resumindo-a, assim, pode limitar a experiência do leitor, restringindo o processo da construção subjetiva dos sentidos da obra. [Ana Emília de Paiva]

AS AVENTURAS DE VITÓRIO

Autoria: Veridiana Scarpelli

Editora: Companhia das Letrinhas

Neste livro, escrito e ilustrado pela paulistana Veridiana Scarpelli, acompanhamos o porquinho Vitório em três narrativas sem palavras. A primeira, *O sonho*, é uma reedição do livro *O sonho de Vitório*, publicado pela Cosac Naify, em 2012. As outras duas, *A viagem* e *O sorvete*, são inéditas.

A capa, a guarda e a página de rosto, nas quais Vitório aparece sorrindo, de olhos fechados, subindo uma ladeira e depois voando com seu patinete, já revelam um tanto da personalidade alegre, livre e aventureira do porquinho. A partir daí, somos abduzidos ao mundo da imaginação, onde tudo é possível.

A primeira história, *O sonho*, começa com Vitório dormindo. Na sequência, ele já está voando no céu, onde encontra vários pássaros carregando guarda-chuvas, que o convidam para mergulhar no fundo do mar, onde, em meio a criaturas peculiares, encontra um buraco, que dá em uma sala, onde há uma cadeira com uma fantasia de coelho, que ele veste. Essa sala tem uma porta que se abre para uma festa, cujos convidados são animais vestidos de outros animais (há um jacaré vestido de girafa, por exemplo). O auge da história / sonho é a hora em que Vitório, com um bastão de madeira, acerta uma grande piñata, cheia de doces coloridos. Na imagem seguinte, ele está

dormindo na mesma posição do começo da história, mas envolto nos confetes da festa. Será que ele sonhou ou viveu aquela aventura? Essa decisão fica a critério do leitor.

O nonsense próprio dos sonhos é expresso pela autora por meio de diversas estratégias, como a presença de portais (poça d'água, buraco e porta) que levam o porquinho imediatamente de um cenário a outro, diluindo as noções de espaço e tempo, e a orientação espacial das ilustrações, que se altera, fazendo com que os pássaros desçam para o lado, que o porquinho entre no mar já no fundo, que chegue na sala pelo teto. Cores vibrantes, estampas e texturas colaboram para a atmosfera surrealista.

A segunda história, *A viagem*, segue o mesmo estilo. Vitório está sentado na grama observando a lua quando improvisa asas e começa a voar. Durante a viagem, ele visita planetas com paisagens pitorescas e encontra criaturas malucas, como um meio círculo de três olhos que cospe fogo. A cada parada, ele acrescenta uma parte nova ao seu foguete, que, quando fica pronto, o leva até a lua, onde ele se senta para observar a Terra.

A última história, *O sorvete*, começa com o porquinho desejando com um picolé cor-de-rosa (de morango?). Ele anda pelo parque vendo picolés cor-de-rosa por todo lado – no chapéu da raposa leitora, na nave do ratinho, no guarda-sol do sapo. Até que um pinguim lhe oferece o tal picolé, que ele devora com gosto, para, na sequência, passar a desejar um picolé verde (de limão?).

As aventuras de Vitório, portanto, é um livro-imagem que convida o leitor a entrar em estado de sonho ao se conectar com Vitório e flutuar com ele por um mundo cheio de surpresas. As páginas duplas, os cantos arredondados e o traço delicado de Veridiana dão uma sensação de amplitude, leveza e aconchego que contribuem para essa viagem. [Silvia Nogueira Zerbini]

BUM: A GUERRA DAS CORES

Autoria: Ximo Abadía
Tradução: Monica Stahel
Editora: Boitatá

Desde os primeiros registros da humanidade, a História é atravessada por guerras e conflitos motivados por disputas de poder, diferenças políticas, territoriais ou culturais. Explicar essa realidade às crianças é um desafio, sobretudo porque a violência e suas consequências permanecem presentes na contemporaneidade. No entanto, falar sobre guerras também é tratar da pluralidade e do direito das crianças de compreender os temas que impactam toda a sociedade.

É nesse contexto que se insere *Bum: a guerra das cores*, do premiado autor e ilustrador espanhol Ximo Abadía. Com precisão e honestidade, ele traduz em linguagem visual e poética as razões banais que inauguram os conflitos, assim como os elementos que os alimentam: narrativas fantasiosas, notícias falsas, o medo, o terror, a irracionalidade e a luta pelo poder acima de qualquer valor humano. A força do livro está em tornar visível a lógica das guerras sem recorrer à explicação didática, mas pela via da metáfora e da experiência estética.

O projeto gráfico e as ilustrações são pontos altos da obra. As cores, em sua potência simbólica, representam lados opostos e, a cada virada de página, materializam a escalada dos conflitos. O contraste cromático orienta a leitura e amplia os sentidos possíveis. A narrativa visual dá pistas, provoca questionamentos e convida leitores de diferentes idades a refletirem sobre os efeitos das guerras.

É uma obra provocadora e, portanto, imperdível. Pensar em como as guerras são construídas e justificadas, mesmo quando parecem inevitáveis, nos ajuda a ampliar repertórios, fomentar diálogos intergeracionais e rea-

firmar a literatura como espaço de reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos. Ao final, resta aos leitores a percepção de que, por mais que mudem os cenários, as consequências permanecem previsíveis e devastadoras.

[Dianne Melo]

CHUVA

Autoria: Dalton Trevisan e Guazzelli
Editora: Reco-reco

A chuva, com seu peso torrencial, pode ser só um fenômeno climático ou pode escancorar os silêncios e ausências, escondidos nos dias de sol. *Chuva* é uma obra multimodal composta pelo encontro entre diferentes gêneros e formatos. O conto de Dalton Trevisan ganha novos tons e camadas ao ser ilustrado por Guazzelli, que entrega um livro ilustrado que funciona quase como um livro imagem com aparições breves, marcantes e contundentes de prosa.

O título *Chuva* compõe a ilustração da capa, pontuando a carga imagética de uma tipografia intencionalmente escolhida. Essa escrita desenhada aponta para o estilo da ilustração e projeto gráfico do livro, todo em azul e preto, com traços memoráveis da verticalidade da chuva, desde as guardas com suas prováveis releituras de Golconda, de Magritte. Guazzelli explora a aquarela entre ilustrações de páginas completas e trechos em quadrinhos.

Chuva é uma obra imperdível por entregar a precisão e rigor de Trevisan, que olha o movimento da chuva, desde alto do céu, perto das chaminés e termina no barro, dando de beber aos mortos, passando ainda, pelos pés frios e guarda chuvas esquecidos, combinados com a interpretação visual complexa de Guazzelli, materializada no olhar, no ruído e no reflexo turvo de um dia de chuva. [Ana Barbara dos Santos]



Ilustração para
Maior museu do mundo

CONTINENTES

Autoria: Gabriela Romeu e Anita Prates

Editora: Peirópolis

O livro *Continentes*, de Gabriela Romeu e Anita Prates, desvenda o cotidiano de brincadeiras de uma criança, convidando-nos a um olhar atento às suas experiências de exploração e descobertas em seu quintal. A narrativa poética é guiada pelo curioso olhar infantil, que vê nos pequenos detalhes da natureza um convite a adentrar um universo lúdico. Nesta jornada, realidade e imaginação se entrelaçam e, ao transformar o espaço em um campo de invenção, cria-se continentes imaginários que se tornam territórios do brincar. Assim, um monte de terra vira cordilheira, a chaleira se torna um vulcão, as nervuras das folhas se transformam em caminhos e os cupinzeiros tomam contornos de cidade. Ao descobrir, interagir e explorar o ambiente desse quintal, a criança elabora novas significações para cada elemento que o compõem, tecendo um universo em constante expansão. Ao final de brincadeiras entremeadas de silêncios, ela termina o dia reconhecendo seus brinquedos.

O texto é bem cadenciado e repleto de metáforas, conferindo à obra um tom poético. As ilustrações de Anita Prates apresentam cores vibrantes e diversos retratam componentes da natureza, objetos, animais e, por vezes, seres inventados, que combinam características desses elementos, criando uma atmosfera mágica. Assim, a ilustração expande os sentidos da narrativa. Tanto a narrativa imagética quanto o texto escrito não cerceiam a interpretação do livro pelos leitores, permitindo que os grandes e pequenos, reconheçam no cotidiano da criança suas próprias experiências. Essa obra nos lembra da centralidade da brincadeira e da imaginação para a infância, uma vez que é a partir delas que reconhecemos e nos inserimos no mundo.

[Ana Emília de Paiva]

LANCHE NOTURNO

Autoria: Eric Fan e Dena Seiferling

Tradução: Ligia Azevedo

Editora: Companhia das Letrinhas

Na infância, os mistérios nem sempre estão longe. Inexplicáveis não são só os universos fantásticos e as criaturas míticas. Às vezes, a aventura maior é conseguir imaginar o dia a dia. Nesta história, que só começa depois da meia-noite, somos convidados a percorrer o cenário onírico da madrugada.

As imagens parecem recém-saídas da imaginação volátil de uma criança, onde podemos sentir o pavor de não saber o que há para além do visível. O que acontece quando a noite cai? O que existe de tão impossível nas últimas horas do dia? Noite adentro, vamos conhecendo um a um os habitantes desse submundo, desvelados com fôlego infantil.

No escuro, ouvimos um cavalo cruzar o silêncio da rua deserta e o farfalhar das folhas na vassoura de um ratinho varredor. De repente, em meio ao frio e à fantasia por trás do breu, a madrugada entrega sua promessa inesperada! Plim-plim: o sino avisa que o lanche noturno será servido, e dele se aproximam uma porção de barrigas roncando. Na cozinha do Corujão, tem torta, pão e pudim. Tem raposa, gato e texugo. Fartura e migalhas. Gula e fome. E tem lugar para a estranheza que o excesso de luz às vezes não deixa ver.

Juntos pela primeira vez, a premiada dupla de artistas canadenses entrega uma narrativa repleta de vazios e desfechos em aberto. Uma leitura em que o assombroso e o assombrado convivem nas sombras do dia, para lembrar o quanto aproximar-se do desconhecido pode reorganizar o mundo em novos arranjos. [Renata Penzani]

Ilustração para
*Barbатуques músicas,
jogos e brincadeiras*



LOBO MAU COM DOR DE DENTE

Autoria: Daniel Kondo

Editora: Carambaia

O protagonista desta história é um dos vilões mais conhecidos da literatura infantil, que aqui se mostra fragilizado por uma inesperada dor de dente. Para solucionar o problema, o Lobo Mau recorre a personagens igualmente célebres, em uma narrativa que constrói um jogo intertextual capaz de divertir e mobilizar o repertório do leitor no reconhecimento de figuras clássicas da literatura.

Inspirado nos designers japoneses Ikko Tanaka e Kazumasa Nagai, Daniel Kondo desenvolve ilustrações de grande impacto visual, compostas por traços angulosos e cores vibrantes – com predominância do vermelho e do preto – que evocam alerta e mistério, em contraste com o humor presente em cada cena.

O projeto gráfico é inventivo e transforma o livro em extensão da narrativa: as páginas se viram de baixo para cima, simulando a abertura da boca do Lobo e reforçando sua dimensão ameaçadora de forma imersiva.

O enredo desperta desconfiança diante de um personagem notoriamente traiçoeiro, enquanto as ilustrações acompanham essa ambiguidade por meio da alteração do semblante do Lobo a cada pedido de ajuda.

No clímax, o leitor é diretamente interpelado e convidado a decidir se atenderá ou não ao protagonista, em uma quebra da quarta parede que torna a experiência de leitura ainda mais interativa. [Soraia Ribeiro dos Santos Silva]

MAIOR MUSEU DO MUNDO!

Autoria: Caio Zero

Editora: Pulo do Gato

Uma saída pedagógica ao museu poderia ser apenas mais uma atividade escolar, mas, nas mãos de Caio Zero, texto e ilustração se transformam em um convite para enxergar o mundo com outros olhos.

Entre esculturas e pinturas consagradas – como a de São Longuinho, de Gian Lorenzo Bernini, ou os Lírios, de Van Gogh – acompanhamos um menino que observa, aprende e compara. Logo, porém, ele percebe que também carrega um acervo inteiro dentro de si: as pessoas, os lugares e as memórias do cotidiano têm o mesmo valor de qualquer sala de exposição. Ao ser questionado sobre o que aprendeu, sua resposta é simples e grandiosa: vive no maior museu do mundo!

É nesse ponto que o livro se destaca: ao articular o patrimônio cultural legitimado pelas instituições com o patrimônio cultural vivido e afetivo, amplia o olhar de crianças e adultos sobre o que merece ser preservado e valorizado.

Com a ausência de suporte textual na maior parte do livro, as cores fortes, as texturas sobrepostas e os enquadramentos criados por Caio Zero inundam as páginas de significado e enriquecem a narrativa, tornando a leitura uma experiência estética e reflexiva.

O box do autor revela a inspiração em sua própria história no bairro de Bangu, no Rio de Janeiro, o que reforça a potência de um território cotidiano como referência cultural. Mais do que falar de arte, *Maior museu do mundo!* lembra que há beleza guardada nos lugares de origem, e que nossa própria história também merece lugar de destaque. [Ana Beatriz Assis]

O CICLISTA

Autoria: Dalton Trevisan e Odilon Moraes

Editora: Reco-reco

A edição ilustrada de *O ciclista*, assinada por Odilon Moraes, renova um dos textos mais inquietantes de Dalton Trevisan. A narrativa original surgiu como a reportagem A morte do ciclista, publicada na *Gazeta do Povo* em 1952, e logo se transfigurou em conto, no mesmo jornal, em 1953, chegando depois aos livros *Desastres do amor* (1968) e *O beijo na nuca* (2014), em versões cada vez mais enxutas e lapidadas pelo autor.

O enredo traz um ciclista que atravessa o caos urbano com um tom poético realista e surreal ao mesmo tempo. “Curvado no guidão lá vai ele numa chispa... e a morte na garupa...”, nos envolvendo no ar pesado, veloz, efêmero da cidade, que não é mero cenário: ela personifica destinos, aprisiona e lança o ciclista ao ar, numa fusão de absurdo e beleza.

Lançado pelo selo Reco-Reco da Record, a versão ilustrada de Odilon Moraes materializa esse voo delicado e macabro em traços com um ritmo fragmentário e a atmosfera pastel do desgaste urbano, síntese visual da repetição industrial da vida moderna. As imagens não suavizam a apreensão; ao contrário, amplificam o tom enigmático e a ausência, como uma presença velada da morte. As ilustrações assumem um ponto de vista oscilante: ora um olhar do alto, que parece acompanhar o ciclista de longe, perdido no labirinto da cidade, ora closes que captam o detalhe dos gestos e acontecimentos, como se a câmera se aproximasse para mostrar, nunca para explicar.

Esse jogo de distâncias traduz visualmente a própria ambiguidade do texto de Trevisan entre a fatalidade e a fuga, o realismo da notícia e a leveza onírica da ficção. A escrita seca, com elipses, supressão de conectivos e predomínio de frases nominais, ecoa na estética gráfica. Essa economia produz

tensão e mantém o leitor em busca, recriando aquilo que Trevisan chamou de “campo de experiências” que ele revisitava sempre.

A edição ilustrada de *O ciclista* é uma porta de entrada para jovens leitores descobrirem a obra de Dalton Trevisan e experimentarem o conto como “uma máquina de gerar interesse”, como dizia Júlio Cortázar. Além disso, mesmo sendo um texto dos anos 1950, o tema se mantém atual: a bicicleta, que no conto cruza uma cidade hostil, hoje ressoa nas discussões sobre mobilidade urbana, ciclovias, precariedade dos serviços de entrega e também sobre seu uso como lazer e resistência no caos do trânsito. Com inversões e suspenses, este conto ilustrado é uma ponte entre a literatura e os dilemas contemporâneos, uma prova de que a escrita de Trevisan continua instigante. [\[Carolina P. Fedatto\]](#)

O DIA EM QUE VIREI UM PÁSSARO

Autoria: Ingrid Chabbert e Guridi

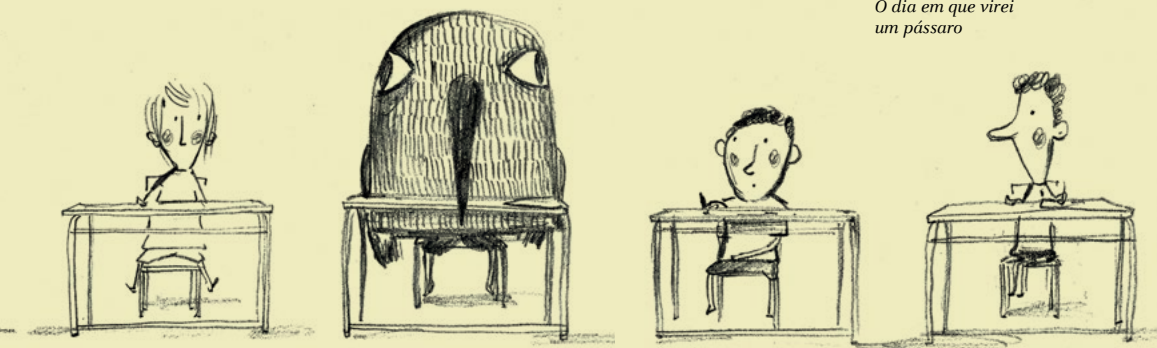
Tradução: Livia Deorsola

Editora: Pequena Zahar

Quando a força impulsiva e dominadora de uma paixão se materializa na imagem de pássaros, animais que simbolizam a liberdade, podemos esperar uma obra constituída por deslocamentos. O livro se baseia no ordinário do amor de infância, que chega quando ainda não sabemos muito bem nomear os sentimentos, mas percebemos que estamos diante de uma pequena obsessão por alguém. Essa é a história do menino que se apaixona por uma garota admiradora de pássaros, e decide se transformar em um, construindo uma fantasia e vestindo-a cotidianamente, para ser enxergado pela admirável garota que só tem olhos para pássaros, mas não gosta de vê-los em gaiolas.

Nesse curioso jogo de símbolos e referências, a parceria entre a escritora Ingrid Chabbert e o ilustrador Guridi se destaca logo nas primeiras páginas,

Ilustração para
*O dia em que virei
um pássaro*



quando a narrativa imagética e a narrativa escrita contam sobre diferentes momentos, mas numa relação dialógica que sincroniza na primeira aparição de Clara e seus pássaros. Com um projeto gráfico monocromático de fundo bege e desenhos pretos com singelas aparições de branco, não por acaso a padronagem mais comum de pássaros, considerando a diversidade de espécies mais conhecidas, as ilustrações parecem também nos levar ao universo da infância, daqueles desenhos a mão em tracejados simples.

Numa abordagem leve, os pequenos encantos do garoto revelam o peso de performar uma versão de si para caber numa fantasia que pode ser intensa e desequilibrada, no movimento de tentar ser visto e aceito pelo outro. *O dia em que virei um pássaro* é uma obra imperdível por tratar com sutileza e simbologia o dilema de encontrar a liberdade na conexão entre si mesmo e o outro.

[Ana Barbara dos Santos]

O HOMEM, O RIO E A CAIXA

Autoria: Anabella López

Editora: PeraBook

Em *O homem, o rio e a caixa*, Anabella López constrói uma narrativa tão simples quanto vertiginosa: um homem, até então solitário, encontra um rio que nunca havia visto um homem e ambos se apaixonam. Mas o amor humano, cheio de inseguranças, traz consigo a ânsia de posse. Temendo perder o rio, o homem decide trancá-lo em uma caixa. O gesto, profundamente humano e trágico, desvela o paradoxo do afeto: o desejo de preservar pode, muitas vezes, sufocar aquilo que se ama.

As imagens de López são de uma força rara. O rio, em sua tentativa de escapar, ganha traços que se entrecruzam e se sobrepõem, como se a própria água se agitasse contra as grades da contenção. Cores intensas e gestos grá-

ficos vigorosos fazem da dor do rio uma experiência sensível para o leitor, dispensando qualquer obviedade. A ilustração não explica, mas convoca: o olhar é levado a perceber as tensões entre liberdade e prisão, entrega e medo, amor e controle.

Formada em Design Gráfico pela Universidade de Buenos Aires e reconhecida por prêmios internacionais, Anabella López é mestra em trabalhar temas densos com coragem e delicadeza. Sua obra atravessa fronteiras etárias e geográficas, propondo leituras que não subestimam a inteligência do leitor. Em *O homem, o rio e a caixa*, o que poderia ser apenas uma fábula sobre amor e perda se transforma em metáfora da própria condição humana: a dificuldade de lidar com a alteridade e a tentação de aprisionar o que, por natureza, é livre.

Georges Jean lembrava que a poesia é capaz de dizer o indizível e revelar a parte secreta da existência. Assim também é este livro: nele, o amor não é uma promessa de eternidade, mas um campo de tensões entre medo e entrega. A narrativa de López nos faz perceber que amar exige a coragem de deixar o outro ser - como um rio que só permanece rio quando pode correr.

[Talula Montiel Trindade]

OS FILHOS DA CORUJA

Autoria: Graciliano Ramos e Gustavo Magalhães

Editora: Baião

Os filhos da coruja, de Graciliano Ramos, publicado pela Editora Baião, é um livro que revela mundos complexos a partir de um poema manuscrito de 1923, assinado sob o pseudônimo J. Calisto. O texto apresenta o encontro entre a Comadre Coruja e o Compadre Gavião, conduzindo o leitor por diálogos carregados de ritmo, cadência e tensão, onde cada palavra parece medida

Ilustração para 200
limeriques de Edouard
Lear para ler e para ver



RECOMENDÁVEIS

QUANDO VOCÊ SAI

Autoria: Gastón Hauviller

Tradução: Ana Tavares

Editora: Pequena Zahar

para expandir o imagético. A escrita de Ramos, ainda que breve em extensão, não simplifica: ela convida o leitor a entrar na trama, a perceber o ritmo dos versos, a escutar o que se diz e o que permanece silencioso entre as linhas.

As pinturas de Gustavo Magalhães transformam cada página em um gesto artístico. Não se trata de ilustração descritiva, mas de criação de atmosfera: traços, cores, texturas e sobreposições dialogam com a narrativa, sugerem movimentos, expressam intenções e ampliam os significados do texto. A coruja e o gavião, o espaço e os gestos, ganham vida própria, tornando cada leitura uma experiência visual e sensível que se sobrepõe à palavra sem jamais anulá-la.

O pseudônimo J. Calisto acrescenta uma camada de mistério e liberdade à obra, permitindo que Ramos vivencie com a linguagem, a forma e a fábula de modo quase experimental. A edição da Baião, cuidadosamente organizada, reforça essa sensação de obra-livro: as pinturas e o texto se entrelaçam, oferecendo ao leitor espaço para descobertas, olhares repetidos, gestos de atenção e encantamento.

Os filhos da coruja é, assim, um convite ao leitor atento: cada página é um terreno onde o ritmo dos versos, a densidade do poema e a expressividade das imagens se encontram. É um livro que se lê com os olhos, com a imaginação e com a curiosidade, revelando, a cada leitura, camadas escondidas e detalhes que ampliam a experiência literária. Ramos e Magalhães constroem juntos um território poético e visual, lembrando que a literatura para as infâncias pode ser complexa, profunda e absolutamente bela. [Talula Montiel Trindade]

Narrado em primeira pessoa por uma criança sem nome, sem idade, sem gênero, até mesmo sem um rosto totalmente definido, nesta obra a aproximação dos leitores e leitoras pode assumir variadas e distintas dimensões. É aí que reside a riqueza de um livro aparentemente simples, de poucas palavras, mas com a precisão que permite o mergulho na escrita. O que sentirá uma criança lendo as sensações do personagem? E o mediador de leitura? sendo pai, ou mãe, atravessará experiências similares ou distintas?

Em *Quando você sai*, escrito e ilustrado pelo autor argentino Gastón Hauviller, acompanhamos a definição clássica de um livro ilustrado que busca atingir todos os sentidos envolvidos na leitura, já que o texto só pode ser interpretado com a apreciação das ilustrações, que contradizem, aprofundam e personificam as palavras da criança que pretende mostrar fortaleza no distanciamento de alguém especial, possivelmente sua mãe.

Ao longo da narrativa a criança vai afirmando que está tranquila com o distanciamento dessa pessoa especial, tenta afirmar de todas as formas que está tudo bem, enquanto nas ilustrações é possível ir mergulhando no mundo interno deste personagem. “E que quando você sai, não muda nada”, e vemos um entorno que parece seguir a rotina, mas intercala-se com imagens de mudanças e medos.

O livro possui um vínculo bastante direto com *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, outra obra na qual ilustração e texto não podem ser apreciados de maneira fragmentada. Seja pelas ilustrações, que remetem ao estilo de Sendak, seja pela relação dual entre um/a filho/a e uma mãe, seja até pela pre-

sença explícita da capa desta obra durante as páginas de *Quando você sai*, essa referência permitirá certamente outras camadas de mediação entre os leitores infantis, mas não compromete a apreciação caso conheçam apenas uma das obras. [Miruna Kayano Genoio]

EU DEVIA ESTAR NA ESCOLA

Autoria: Crianças moradoras de favelas da Maré (escribas Ananda Luz e Isabel Malzoni)
Editora: Caixote

A Constituição brasileira de 1988 estabelece, no artigo 205, que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família e que será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. As crianças da Maré, complexo com 16 favelas na cidade do Rio de Janeiro, concordam: *Eu devia estar na escola*. Essa mesma Constituição, no artigo 5º, garante o direito de ir e vir das pessoas no território nacional. Por isso, mais uma vez as crianças bradam: “Era para eu já estar na escola”.

No entanto, podemos perguntar, por que elas não estão na escola? Nos últimos anos, inúmeras operações policiais, com a justificativa de combate ao tráfico de drogas, se tornaram corriqueiras na comunidade da Maré, com fechamento de ruas e escolas, suspensão de aulas, invasão de casas e ameaças à vida de pessoas inocentes: “Às vezes eles atingem uma criança. Ninguém viu que o menino estava com roupa de escola?”

Como um grito de alerta, as crianças da Maré dão vida ao livro *Eu devia estar na escola*. As escribas Ananda Luz e Isabel Malzoni, em colaboração com a pesquisadora Adelaide Rezende e com o apoio da ONG Redes da Maré, organizaram o livro a partir de trechos de cartas das crianças enviadas ao poder público – denunciando a situação de violência em que vivem – e de oficinas sobre o tema em uma escola da Maré.

O projeto gráfico do livro como um todo reflete elementos e a diversidade do universo escolar. O livro simula um caderno encapado com uma folha de papel vegetal, escrito com letras de quem aprendeu se assustando, e que deixa entrever desenhos infantis na capa e contracapa. Frases e desenhos reais das crianças se espalham pelas páginas internas, com fundos coloridos diferentes, numa composição que em alguns momentos lembra as próprias crianças se movimentando no pátio da escola: “Continuo a andar, não pode ficar parado”.

Um livro que sensibiliza, abre e estimula a conversa sobre o direito à educação, a andar e brincar na rua com os amigos, ao futuro: “Amanhã, se for dia de paz, eu vou para a escola”. [Aurélio de Macedo]

A POROROCA

Autoria: Cláudia A. Flor d’Maria e Liu Olivina
Editora: Brinque-Book

“A pororoca pi-po-ca!” A estrofe que se repete durante a leitura combina duas palavras que explodem no som e na imagem e ajudam a marcar o ritmo do texto poético da autora indígena do Pará Cláudia Flor d’Maria. O livro nos aproxima a um fenômeno bem brasileiro que fascina e impressiona: a pororoca, um espetáculo da natureza que está presente na vida dos povos originários do norte do país, quando a maré sobe e o mar inverte o fluxo de alguns rios de maneira violenta. Também nos aproxima a outros aspectos da cultura regional, como o modo de vida e a riqueza da fauna e flora que aparecem retratados nas belas ilustrações de estilo naïf da artista paulistana Liu Olivina.

O formato híbrido, a linguagem dos livros informativos à poesia, algo que é cada vez mais frequente na literatura infantil contemporânea. O tex-

to poético simula uma enxurrada de palavras atropeladas em vez de oferecer uma explicação mais formal. É um recurso mais livre, rico e sinestésico, que aposta na inteligência e sensibilidade do leitor para sentir, observar e chegar ao seu próprio entendimento.

Um glossário ilustrado nas últimas páginas dá o toque mais informativo, explicando ao leitor o significado de algumas palavras regionais.

O livro poderia ter ganhado mais força se tanto as ilustrações como o projeto gráfico oferecessem mais dinamismo. As margens brancas das páginas aprisionam as imagens impedindo a sua expansão. Seria mais coerente deixar que as águas rompessem as margens e extravasem para fora da página sem contenção. [Madalena Elek]

VERMELHO

Autoria: Daniela Galanti
Editora: Barbatana

Vermelho inaugura a trilogia de cores primárias concebida por Daniela Galanti para as Edições Barbatana, ao lado de *Amarelo* e *Azul*. Três livros que, mais do que representar cores, as transformam em experiências. Neste volume, é o circo que se anuncia: espaço de intensidade, surpresa e imaginação.

Na capa, sobre um fundo inteiramente grafitado, surge apenas um nariz de palhaço, preso por um discreto elástico. O detalhe já revela o que o livro propõe: um jogo de presenças e ausências, de silêncios e aparições. Ao abrir as páginas, o leitor encontra um grafite tão minucioso que quase se sente o gesto do lápis riscando o papel. O formato sanfonado desdobra uma cidade cinzenta, habitada por personagens dispersos, atentos ao que pouco a pouco se revela: fragmentos de um caminhão vermelho que atravessa a paisagem.

Esse fragmento cresce, se mostra aos poucos, até que se abre por completo no livro, e então o grafite dá lugar a uma explosão de cores e o circo se revela em toda

a sua plenitude. O traço preciso e delicado de Galanti confere materialidade às imagens, e o próprio sanfonado se torna brincadeira: abrir, esticar, dobrar, recompor.

Não se trata, porém, de um livro-brinquedo, mas de um livro brincante: complexo, imagético, convocando o leitor a jogar com os sentidos. Um livro-imagem, habitado por silêncios tão lúdicos quanto poéticos, em que a narrativa acontece menos no que se explica e mais no que se sugere. *Vermelho* é, assim, uma experiência estética em que forma, cor e gesto se tornam linguagem.

[Talula Montiel Trindade]

AMARELO

Autoria: Daniela Galanti
Editora: Barbatana

Como a luz radiante do sol do outono, que chega alterando os tons e paletas da cidade, do campo e das matas, *Amarelo* se apresenta em forma de um ponto de luz que sela a abertura de um envelope. Obra de Daniela Galanti, escritora de textos e imagens, *Amarelo* narra, por meio de ilustrações, o caminho da correspondência que carrega luz e afeto e que conecta pessoas, lugares e tempos.

Na força dos gestos e dos detalhes, a obra é elaborada no formato de livro sanfona. Essa escolha se justifica na poética da sua construção. Na parte da frente, a narrativa se desdobra página por página, onde as ilustrações são monocromáticas em traços de grafite bem delineados. No verso, a imagem é única, quando algo acontece e todo o cenário é inundado por cores envolvidas pela luz amarela.

Amarelo, livro intermediário da trilogia das cores de Daniela Galanti, está bem longe de qualquer padrão de livros ilustrados sobre cores e se destaca como obra recomendável por ser um convite para que leitores viajem pelas camadas de simplicidade e profundidade em plena confluência.

[Ana Barbara dos Santos]

AZUL

Autoria: Daniela Galanti

Editora: Barbatana

Em *Azul*, Daniela Galanti constrói uma narrativa visual na tradição dos livros de imagem, silenciosos, sem palavras. Ilustrado à mão com lápis de cor e grafite, o livro se desdobra como um objeto em si: um sanfonado de 12 páginas que convida o leitor a explorar não apenas as imagens, mas também o enigma da direção de leitura dado pelo próprio formato. Parte de uma trilogia lançada pelas Edições Barbatana, ao lado de *Vermelho* e *Amarelo*, este volume fecha o conjunto com a atmosfera ampla e meditativa que o título sugere.

A narrativa começa em grafite, no ambiente cinzento e uniforme da escola, para então se abrir, pouco a pouco, ao azul, remetendo aos simbolismos e metáforas da cor: paz, imensidão, universo. Da monotonia cinzenta, surgem nuances que se expandem até culminar em uma explosão de cores florais. No desdobrar das páginas, a metáfora se especifica: o mundo, quando observado com atenção e imaginação, revela-se mais vivo e colorido.

Galanti explora aqui não apenas a cor, mas também o gesto. Sua pesquisa sobre o uso do lápis evidencia como o peso da mão, a pressão e a precisão do traço interferem no resultado final. O leitor, ao folhear, percebe as texturas, as variações e o ritmo que emergem da própria materialidade do desenho.

Há também o enigma lúdico: por qual lado começar? O livro sanfonado desafia as convenções da leitura linear. O próprio objeto ensina como ser lido, em qual direção seguir, como virar a página. A capa, com seus elementos simbólicos – uma bola em equilíbrio na corda bamba – já sugere que a narrativa está em suspenso, pronta para ser descoberta no gesto do leitor.

Se *Vermelho* remete ao circo e *Amarelo* ao sol, *Azul* aponta para o planeta, evocando amplitude e reflexão. Juntos, os três livros formam uma trilogia de



Ilustração para
Eugênio

cores primárias que reafirmam o papel do livro-objeto como espaço de experimentação estética. *Azul* é, enfim, uma obra que convida leitores de todas as idades a desacelerar o olhar, a redescobrir o cotidiano e a experimentar o prazer da cor em sua dimensão poética. [Carolina P. Fedatto]

AS INTERRUPÇÕES

Autoria: Nicolás Schuff e Mariana Ruiz Johnson

Tradução: Luzia Pivetta

Editora: Gato Leitor

Quão difícil pode ser escrever uma história? O livro *As interrupções*, de Nicolás Schuff e Mariana Ruiz Johnson, narra o desafiador processo de um escritor para elaborar um conto; porém, essa tarefa parece impossível diante de tantas interrupções. Uma mosca irritante não para de distraí-lo e, em cada página, surge um novo personagem, sem ser convidado, pronto para opinar. À medida que surgem interrupções, novas ideias inundam a mente do escritor, criando uma avalanche criativa, em que uma ideia dá origem à outra, fazendo com que a história contada pelo escritor ande em círculos, sempre voltando ao mesmo ponto, mas de um jeito diferente. A história que era, inicialmente, um conto fantástico, torna-se policial, romântica, de terror e até infantil. De modo divertidamente caótico, diversos elementos, clichês e personagens típicos desses gêneros se somam à narrativa, imprimindo um tom diferente a cada nova ideia do escritor. Assim, as interrupções, que inicialmente pareciam inconvenientes que impediam o andamento da história, mostram-se propulsoras para a criatividade do escritor e para o andamento da história.

As ilustrações coloridas e autorais de Mariana Ruiz Johnson convergem com a proposta bem-humorada do texto de Nicolás Schuff e conferem à obra

uma estética que lembra uma história em quadrinhos, dividida em pequenos capítulos que remetem a diferentes gêneros literários. O texto é engenhoso, com toques de metalinguagem, humor e referências literárias, provocando reflexões sobre o ato de escrever literatura. [Ana Emília de Paiva]

BARBATUQUES: MÚSICAS, JOGOS E BRINCADEIRAS

Autoria: André Hosoi, Barbatuques, Charles Raszl, Fernando Barba, Flávia Maia, Giba

Alves, João Simão, Luciana Cestari, Maurício Maas e Ana Starling

Editora: Peirópolis

O livro é um convite para experimentar o corpo como fonte de musicalidade e explorar sons, gestos e ritmos. Produzido pelo reconhecido grupo Barbatuques, referência na pesquisa e na difusão da percussão corporal, a obra apresenta um repertório de nove cantigas originais que dialogam com a tradição oral, mas que também se abrem a novas possibilidades de criação e experimentação coletiva.

O projeto gráfico é bastante inovador: ícones visuais indicam diferentes partes do corpo a serem exploradas, oferecendo aos leitores um caminho acessível para compreender e reproduzir as batidas e sons. Essa articulação entre palavra, símbolo e corpo amplia a leitura para o campo da ludicidade e da performance, aspecto que se fortalece com os QR-codes presentes nas páginas. Os vídeos complementares são cuidadosamente produzidos, funcionando como recurso de mediação que aproxima o leitor-ouvinte do fazer musical.

As ilustrações, de caráter lúdico e colorido, estabelecem um diálogo direto com o universo da infância. O livro, portanto, assume sua materialidade como objeto interativo, em que o texto escrito, a imagem gráfica e a dimensão sonora se entrelaçam em uma experiência de linguagem multimodal.

A obra reafirma o direito das crianças de experimentar linguagens artísticas diversas. Ao mesmo tempo, não reduz a complexidade da proposta: de-

safia pequenos e grandes leitores a mobilizarem corpo, escuta e imaginação. Trata-se de uma produção que, ao unir tradição e inovação, confirma a potência estética e pedagógica do brincar sonoro.

Por sua originalidade, consistência e pela forma como conjuga diferentes linguagens artísticas, *Barbatuques: músicas, jogos e brincadeiras* é um título que merece destaque. Recomendável para escolas, famílias e mediadores de leitura, é uma obra que convida à participação ativa, abrindo espaço para experiências coletivas em que corpo, música e palavra se consolidam como meios fundamentais de expressão e comunicação. [Dianne Melo]

CHUPIM

Autoria: Itamar Vieira Junior e Manuela Navas
Editora: Baião

Conhecido pelo premiado Torto Arado, *Chupim* é a primeira obra de Itamar Vieira Junior destinada ao público infantil. Segundo o autor, a história de Chupim já aparece no livro Torto Arado, só que pela perspectiva de uma mulher adulta, que lembra da infância, quando as crianças tinham que expulsar os pássaros que eram tidos como pragas nas plantações. Já nesse livro essa mesma história é contada pela perspectiva de uma criança. Julim é um menino que trabalha junto com sua família nos campos de arroz, espantando os pássaros chupins que são considerados pragas. O menino tem uma grande afeição por pássaros e começa a refletir sobre suas ações com relação a eles. Mas, afinal, que mal pode fazer um passarinho? Julim se perguntava, tentando compreender o porquê ele tinha que espantar os passarinhos.

O livro aborda temas delicados como a questão do trabalho infantil e direito à infância. Mas trata também sobre a nossa relação com a natureza, com o mundo, a relação com o campo e cidade.

As ilustrações em pinturas são belíssimas, feitas por Manuela Navas, que é uma artista visual autodidata, e reflete sobre a realidade do povo brasileiro, a partir da pintura, da fotografia e da xilogravura, tematizando corpos negros, o feminino e a maternidade. Os corpos dos personagens muitas vezes são retratados sem os desenhos dos olhos, ou mesmo representados só pelas pernas, por exemplo. A expressão e as emoções estão reveladas em corpos, mãos e gestos em movimentos e pequenas ações e não necessariamente pelo olhar.

O resultado da obra na relação entre texto e ilustração convida o leitor a um envolvimento profundo com a história desse menino, que mesmo tendo que trabalhar espantando os passarinhos, se mostra sensível e empático a eles e à natureza. [Licia Breim]

EUGÊNIO

Autoria: Everson Bertucci e João Vaz
Editora: Peirópolis

Em *Eugênio*, Everson Bertucci e João Vaz oferecem ao leitor uma narrativa que nasce do medo e se transforma em afeto. Todos evitavam o mirante da serra, onde, diziam, morava um bruxo na casa rosa. Mas a menina Olívia, ao ver sua pipa-pássaro cair sobre o telhado, decide atravessar o interdito. O gesto inaugura uma amizade improvável: Eugênio, já corcunda e de mãos trêmulas, abre sua casa, sua biblioteca e sua história; Olívia traz consigo a infância e a vitalidade do mundo lá fora. Entre ambos, estabelece-se um vínculo que amplia horizontes e dissolve preconceitos.

As ilustrações de João Vaz evocam estêncil, grafite e até grafismos ancestrais, compondo imagens de forte presença. As cores intensas conferem materialidade ao espaço e projetam o leitor para dentro de um universo ao mesmo tempo estranho e acolhedor. Nada ali é mero ornamento: a casa, os objetos, os

detalhes visuais convertem-se em parte ativa da narrativa, instaurando um diálogo constante entre palavra e imagem.

A obra se distingue por tratar o leitor como parceiro de percurso. Não há concessões fáceis nem atalhos explicativos: a narrativa se constrói em camadas, tecendo mundos distintos que se atravessam e se complementam. A casa rosa, quase uma personagem, guarda segredos, memórias e palavras que escorrem como chuva, instaurando um território em que imaginação e realidade se fundem.

Sem poupar ou subestimar, *Eugênio* desafia a atenção, a sensibilidade e a escuta de quem lê. Sua beleza advém justamente dessa exigência: uma história que, ao recusar simplificações, revela a potência da literatura feita para as infâncias. Nas mãos de Bertucci e Vaz, coragem, palavra e afeto se entrelaçam, compondo uma narrativa que reverbera muito além da última página, como experiência estética e humana. [Talula Montiel Trindade]

KUJÁN E OS MENINOS SABIDOS

Autoria: Ailton Krenak e Rita Carelli

Editores: Companhia das Letrinhas

O que aconteceria se o criador ou criadora do mundo e de todas as coisas resolvesse visitar nossa terra, e saber o que temos feito de sua criação? Será que se alegraria das decisões que tomamos? E de que forma tal visita aconteceria?

Essas são algumas perguntas que circulam na narrativa do povo borum-Krenak, que Ailton Krenak registrou na parceria com Rita Carelli, ilustradora e pesquisadora de culturas indígenas. A publicação ganha uma nuance especial quando se retoma a história do povo Krenak, uma comunidade que assim como tantas outras, vem passando por intenso processo de apagamento e luta por sua existência, e que possui poucos títulos literários que consigam materializar por escrito suas narrativas orais. Retrato disso é o fato de que, apesar de ser uma história contada e recontada por gerações, e que até já inspirou Emicida a compor a música “É tudo para ontem”, só em 2024 ganhou uma publicação literária.

Aqui, neste resgate escrito, acompanhamos a passagem do criador Kuján, que decide visitar o planeta terra na forma de um Tamanduá, para verificar o que os humanos têm realizado, e acaba contando com a valiosa proteção de duas crianças krenak, Roti e Cati, que passam a proteger seu visitante e compreendem rapidamente que não se trata de qualquer tamanduá. No percurso deste relato conhecemos alguns cantos krenak, essa língua que se perdeu e que possui pouquíssimos falantes nos dias de hoje, e entendemos um valor profundo desta comunidade: o saber do olhar da infância e das formas que vão encontrando para cuidar deste visitante inesperado.

As ilustrações em forma de recortes de papel apresentam um jogo de cores e de luz e sombra com nuances de foco, às vezes bem centradas em

Ilustração para
Kuján e os meninos sabidos



personagens, às vezes no todo, na paisagem, e na grandiosidade dos encontros. Algumas perguntas ficam circulando na leitura e nesta apreciação estética: como Roti e Cati souberam que não era um tamanduá como tantos outros? algo os guiou? O que será que Kuján observou nesta visita? Será que os demais humanos souberam que tudo isso aconteceu? Estas são algumas possibilidades de diálogo que um mediador pode realizar a partir desta leitura, com potencial de contribuir com o currículo de leituras étnico-raciais.

[Miruna Kayano Genoino]

MENINAS

Autoria: Amma e Angélica Kalil

Editora: Oh! Outra história

Infância é território da brincadeira, da fantasia, e tempo de experimentar maneiras de conhecer e estar no mundo. Tem criança que gosta de brincar na mata, de nadar como peixe, de ler e escrever, de tocar piano, de ir ao teatro, cantar, dançar, de ajudar nos preparos de receitas, de jogar futebol...

Neste livro de não-ficção, as premiadas autoras, Amma e Angélica Kalil, apresentam fragmentos marcantes das infâncias de mulheres que entraram para a história do Brasil: Sônia Guajajara, Maria Lenk, Carolina Maria de Jesus, Chiquinha Gonzaga, Pagu, Ruth de Souza, Virgínia Bicudo, Carmen Miranda, Mãe Menininha do Gantois e Marta Vieira da Silva.

Após estudos e pesquisas, em diferentes fontes como livros, reportagens, entrevistas, documentários e teses de doutorado, as autoras fizeram uma criteriosa seleção das informações e cada capítulo do livro foi cuidadosamente planejado considerando, entre outros aspectos, o contexto da época em que cada uma das meninas viveu. Isso é possível perceber na criação dos diferentes cenários, nos figurinos, na colagem de fotografia e nas paletas de cores escolhidas.

Apresentar essas mulheres, a partir das suas infâncias, é uma estratégia que pode aproximar os pequenos leitores e abrir espaço para novas investigações.

Além disso, o texto e as imagens são organizados dentro e fora dos quadrinhos, para que o leitor acompanhe o ritmo das brincadeiras, os gestos, os sentimentos e o movimento presentes nas rotinas das personagens. Por exemplo, quando a personagem Soninha pula de um quadrinho ao outro para mergulhar no riacho, ou quando Maria nada de uma página à outra. Neste livro, os adultos aparecem sutilmente, na maioria das vezes, por meio de falas representadas apenas pelos balões, respeitando, dessa forma, o espaço e o protagonismo das meninas. As falas desses adultos, por sua vez, evidenciam o apoio, afeto e incentivo, reforçando a importância desse cuidado para todas as infâncias.

A atenção com a diversidade de ilustrações e a organização interna das páginas duplas surpreendem! O uso intencional das distintas tipografias, as diferentes expressões e traços nos desenhos de cada uma das meninas e a forma como os enquadramentos são utilizados para criar composições sofisticadas e mostrar o ponto de vista das crianças são mais alguns pontos que merecem ser destacados. [Bárbara Franceli Passos]

MEU FAVORITO!

Autoria: Eleonora Marton

Tradução: Ana Carolina Carvalho

Editora: Peirópolis

Em *Meu favorito!*, a autora e ilustradora italiana radicada em Londres, Eleonora Marton, propõe uma narrativa simples e vibrante sobre um tema que toca tanto a infância quanto a filosofia: a permanência da identidade em meio às transformações. O ponto de partida é o vínculo de uma criança com seu coelho de pelúcia, Babu, companheiro de brincadeiras e aventuras. A cada peripécia



– fazer bolo de lama, colher amoras, subir em árvores – o brinquedo se desgasta, perde o rabinho, as orelhas, o nariz. E a cada perda, vem a reparação: costuras, remendos, novas roupas.

A história se inspira no paradoxo de Teseu: se todas as partes de um objeto são substituídas, ele continua sendo o mesmo? Ao final do livro, o leitor descobre em qual bichinho se transformou o coelho! O texto é em primeira pessoa com diálogos em segunda pessoa: uma criança que conversa com seu brinquedo, fazendo dele um amigo, um companheiro, um alvo de cuidado. O ritmo marcado pela repetição envolve os pequenos leitores, permitindo que antecipem a sequência dos acontecimentos e reforcem o prazer da identificação e da continuidade do brincar.

Além da filosofia, o livro dialoga com a psicanálise, em especial com o conceito de “objeto transicional”, formulado por Donald Winnicott: aquele brinquedo, paninho ou bichinho que ajuda a criança a mediar suas descobertas

e relações com o mundo. *Meu favorito!* representa essa função com graça, valorizando o afeto e o cuidado que se estabelecem entre a criança e seu objeto especial.

As ilustrações em cores fortes potencializam a expressividade do enredo, mantendo um equilíbrio entre a simplicidade e o impacto visual. A capa e a contracapa reforçam o jogo narrativo, exibindo o brinquedo no início e no fim da história: o que será que aconteceu? O resultado é um livro que se lê em camadas: para os pequenos, uma narrativa divertida, acumulativa e envolvente; para os mediadores, uma possibilidade de reflexão sobre identidade, apego, mudança e reparação. [Carolina P. Fedatto]

NEM TODO

Autoria: Marcelo Tolentino

Editora: Companhia das Letrinhas

Este livro faz uma provocação divertida, quando convida o leitor a pensar sobre os estereótipos atribuídos aos animais, ao longo do tempo, e que são reforçados pela tradição oral e escrita. O autor e ilustrador Marcelo Tolentino cria uma história para desmistificar essas alegadas características e quem faz a leitura tem a possibilidade de recorrer às suas memórias leitoras e experiências de vida para fazer comparações e refletir sobre rótulos e diferenças.

Na capa, título e imagens dão um tom de mistério. A lebre se destaca pela cor e por caminhar em direção oposta à dos outros animais. Nas páginas internas, as imagens são um deleite para a leitura, com pontos de vista variados e cenas inesperadas que complementam ou respondem ao texto verbal. Vale prestar atenção no movimento de deslocamento e no comportamento dos personagens a cada virada de página, e como as contradições texto-imagem são acentuadas de forma bem-humorada em toda a história.

A forma que o livro fala de cada animal, e desses estereótipos associados a eles, ajuda a ampliar o repertório leitor, de um jeito leve e engraçado. No entanto, é importante destacar que, em alguns momentos, a narrativa visual vai além da textual, que cai na tentação de incluir a voz do adulto para premiar e normalizar o bom comportamento: “isso não é ótimo?”, “isso é maravilhoso!”, “isso é mais que maravilhoso!” etc. Isso atrapalha a farra do leitor, que ainda está rindo das cenas anteriores. Um aspecto para pensar na mediação, aqui, é que o silêncio, ou um certo “vazio” a ser preenchido pelo leitor, talvez pudesse tornar a história ainda mais surpreendente. [Aurélio de Macedo]

O JARDIM LÁ FORA

Autoria: Maira Chiodi

Editora: Jujuba

O narrador? Uma planta! Uma planta, que vivia aparentemente segura no beiral de uma janela, via o mundo acontecendo lá fora. Observava atentamente todos os movimentos dos bichos, de outras plantas, os acontecimentos que deram certo ou errado. Ao mesmo tempo, uma narrativa imagética vai deixando pistas de paralelismo com a moça que mora nessa casa. O que ela tem a ver com tudo isso?

O desejo e a ousadia caminhavam juntos. Às vezes a vontade de sair daquele porto seguro era instigante, mas o receio de se lançar deixava a planta no seu lugar de conforto e segurança. Porém, um empurrãozinho na vida pode mudar tudo e revelar novos olhares e colheitas.

A autora também é a ilustradora de sua produção textual. O material e projeto gráfico são muito bem-feitos e cuidados e a capa dura complementa uma boa apresentação. Em algumas páginas, de um lado uma pequena imagem e um texto e na página seguinte uma grande imagem ocupando-a inteira. Esse

jogo provoca curiosidade e atenção do leitor. As cores vibrantes da aquarela e lápis de cor resultam em belíssimas ilustrações. Um livro delicado e sensível.

Vencedora do Prêmio João de Barro, este é o livro de estreia da autora mineira Maira Chiodi. Na perspectiva de uma planta, essa história traz uma reflexão metafórica sobre a estabilidade e desestabilidade, arriscar-se ou permanecer no lugar conhecido. [Licia Breim]

O VAZIO

Autoria: Marianna Sztyma

Tradução: Olga Bagińska-Shinzato

Editora: Piu

“Quem é você?

Sou o Vazio que seu gatinho deixou quando se foi.

Posso fazer carinho nas suas orelhas?

Não tenho orelhas. Não tenho nada.”

Na capa, um gato fita o leitor e alguns dos seus pelos envolvem o título: O Vazio. Nas guardas, a estampa do vestido da menina dialoga com o desfecho da história. Quais sentidos podem ser atribuídos aos pelos que ficam na roupa de quem tem um gato?

Nesta narrativa, escrita e ilustrada pela premiada artista polonesa, Marianna Sztyma, o Vazio bate à porta de uma menina, após a partida do seu gatinho. Assim que ele chega, a protagonista inicia um diálogo na tentativa de entender o que sente, de compartilhar medos e dúvidas.

A escolha por nomear e personificar o vazio deixado pela morte do gato é um aspecto que se destaca no livro. A composição das imagens cria um ambiente que reforça o sentimento da perda, sobretudo, quando é possível perceber

que, no interior do livro, o gato só aparece por meio das fotografias e dos objetos espalhados pela casa, como pratinho de comida e água, rolo de lã, casinha. Além disso, à medida que o diálogo avança, o Vazio cresce e chega a ocupar, num determinado momento, a totalidade da página dupla. As respostas apresentadas pelo Vazio às perguntas da menina são acolhedoras, mas sem diminuir a complexidade que envolve diferentes sentimentos diante da perda de quem amamos.

Uma narrativa delicada que oferece ao leitor elementos para conversas e reflexões sobre afeto, tristeza, medo, perda, vazio, morte, vida...
[Bárbara Franceli Passos]

PAPAI, Ó

Autoria: Marcelo Tolentino
Editora: Pequena Zahar

A história do livro se desenvolve a partir de um diálogo entre pai e filho durante o trajeto de volta para casa, apresentado em duas perspectivas nas ilustrações: em certos momentos retratando a cidade, em outros reinterpretando-a pela imaginação da criança. Em meio a perguntas como “– Pai! Gnomos também namoram?” e ilustrações que revelam a origem da curiosidade – dois cones de trânsito que lembram chapéus de gnomos –, enfatiza-se a relação entre a experiência cotidiana e o universo de fantasia representado ao longo da história.

As ilustrações em aquarela, de cores suaves e traçado orgânico, conferem um tom acolhedor ao enredo, reforçando a proximidade familiar entre os personagens. O diálogo orientado pelos questionamentos do filho demonstra a brincadeira de faz de conta que nasce da observação do cotidiano. Esse jogo entre palavra e imagem ressalta o valor de estar presente, um tema contem-

porâneo que provoca reflexões sobre o uso imersivo de telas, conforme sugerido desde a capa do livro.

Destaca-se ainda o contraste entre a visão adulta, muitas vezes pragmática, e a sensibilidade criativa da criança, ao mostrar como respostas excessivamente práticas podem limitar o processo imaginativo. No desfecho, o menino, ao trocar os óculos do seu pai – permitindo que este perceba a cidade sob sua perspectiva –, confirma a legitimidade de seu olhar criativo, que se torna “norma”. O gesto simboliza a suspensão da lógica adulta e valoriza a forma infantil de ver o mundo. [Soraia Ribeiro dos Santos Silva]

QUE PLANETA É ESTE?

Autoria: Eduarda Lima
Editora: Companhia das Letrinhas

Um livro “grande e pesado” para um dia em que fiquemos sem a conectividade e a vozeria da internet. A obra em questão, “Guia Ilustrado das Maravilhas da Natureza”, nada mais é do que uma enciclopédia geográfica e também a viagem proposta em Que planeta é este?, escrito e ilustrado pela arquiteta portuguesa Eduarda Lima.

Para lidar com o apagão que, de repente, deixou a cidade toda no escuro, uma menina decide montar um acampamento, resgatar o livro indicado pela avó e descobrir o que há no mundo. De página em página, dentro de casa, somos convidados a olhar para fora — das grutas de gelo no interior do Glaciar Mendenhall, no Alasca (EUA), ao “lugar bizarro” que parece ser a Ilha de Socotra, no Mar Árábico (Iêmen).

Dedicada à animação 2D, tendo sido selecionada para o Prêmio BIG 2023 (Bienal de Ilustração de Guimarães) pela obra e tendo recebido Menção Especial no Prêmio Nacional de Ilustração de Portugal com O protesto (Orfeu Negro,

2021), Eduarda provoca temas inadiáveis como o futuro das nossas cidades, a emergência climática e a nossa relação com o meio ambiente, além da vida cotidiana fragmentada e condicionada a telas, de uma maneira muito singela, sem buscar o caminho didático ou facilitado da “lição de moral”.

Um dos destaques do livro está nesse jogo nada óbvio: as ilustrações que narram a família adentrando as paisagens, acompanhando a menina em um momento de sensação de imobilidade (“Foi tudo abaixo”, diz a leitora). Pela obra, e pelo percurso por lugares tão alheios, há uma reflexão e um reconhecimento do próprio bairro, do próprio céu.

Quando amanhece, a cidade toda “acordou nos telhados”, recuperando o espaço público, reimaginando um planeta possível pela Cidade Verde.

[Milena Buarque]

TERRA

Autoria: Carol Fernandes e Yuri de Francco

Editora: Companhia das Letrinhas

No belíssimo *Terra*, palavras e imagens se unem para homenagear o cuidado, o amor e a ancestralidade – o respeito por quem veio antes e por quem ainda virá. De autoria da mineira Carol Fernandes e do paulista Yuri de Francco, o livro conta a história de uma avó e uma neta, que se relacionam silenciosamente, mediadas pela interação que estabelecem com a terra.

A capa, na qual vemos as duas mulheres sentadas na terra plantando e regando uma muda, cercadas por montanhas avermelhadas, casinhas e animais pastando, já nos transporta para as pequenas cidades do interior e cria uma atmosfera de aconchego, sossego e silêncio. A quarta capa, que mostra um banco de madeira embaixo de uma árvore florida, passa uma sensação de desaceleração do tempo, que só é possível quando entramos em comunhão com a natureza.

Ilustração para
As mãos do meu pai



Logo na primeira página da história, entramos na casa da avó, mais precisamente na cozinha, onde vemos um fogão a lenha e panelas de barro. A neta está em primeiro plano e observa a avó através da porta, que, no quintal, com um ramo nas mãos, parece cuidar de uma pessoa. O texto diz: “Minha avó vivia carregada de frutas, legumes e mistérios”.

Os “mistérios” estão ligados ao fato da avó ser uma pessoa de poucas palavras; ela oferece à neta cuidado e afeto por outros meios. Ao cuidar da terra e plantar sementes, alimenta corpo e alma da família; ao trocar seus produtos com os vizinhos, participa da vida coletiva, dando e recebendo; ao usar as ervas que cultivava para curar as pessoas da comunidade, compartilha sua sabedoria e zela pelo bem de todos.

A neta vai, aos poucos, podendo “ouvir” a avó, compreendendo e valorizando o conhecimento construído na experiência, na vida, na interação com a terra e as pessoas. Isso nos fica claro, quando ela diz: “Sua sabedoria brotava”; “Para tudo minha avó dava jeito”; “Para tudo havia um caminho a seguir”.

Além do alimento e das ervas curativas, um outro uso da terra, ligado a arte, aparece como tendo grande importância. A avó utiliza a terra para a fabricação de tintas, com as quais cuidadosamente pinta seu rosto e o da

menina, e também para a confecção de máscaras de cerâmica, como aquelas feitas pelas mulheres do Vale do Jequitinhonha, fonte de inspiração de Carol Fernandes para a elaboração do livro.

Conforme a narrativa se desenrola, avó e neta veem o tempo passar e as memórias das experiências compartilhadas vão ligando passado, presente e futuro. A neta cresce, se afeiçoa às palavras e compartilha suas descobertas com a avó. Mais tarde, a despedida acontece, mas ficam a saudade e as memórias daquela mulher, que, mesmo falando pouco, ensinou muito – sobre amor, cuidado, presença, conexão, pertencimento.

Todo ilustrado com tintas naturais feitas de argila, com pouco texto e ilustrações maravilhosas, *Terra nos presenteia* com uma narrativa sensível sobre identidade e raízes, que celebra as mulheres negras e a cultura rural brasileira.

[Silvia Nogueira Zerbini]

VERSOS DE BICHOS

Autoria: Bertolt Brecht e Marcelo Tolentino

Tradução: Maria Gutierrez

Editora: Boitatá

Publicados originalmente em 1934, como presente do dramaturgo e poeta Bertolt Brecht ao filho Stefan, os *Versos de bichos* chegam ao público brasileiro em edição da Boitatá, com tradução de Maria Gutierrez e ilustrações de Marcelo Tolentino. À primeira vista, trata-se de uma coletânea de poemas infantis: cada estrofe apresenta um animal: águia, corvo, tatu-bola, cavalo, entre outros. Contudo, rapidamente se percebe que Brecht, um dos maiores escritores alemães do século XX, não se limita a escrever para divertir as crianças. Os poemas funcionam como fábulas modernas, nas quais a crítica ao militarismo, à religião e às estruturas opressoras aparece com ironia e inventividade.

Se em Esopo ou La Fontaine os animais serviam como porta-vozes de uma moral edificante, aqui eles revelam contradições e impasses da sociedade humana. O cavalo que “sem embalo” vira político, o corvo que debate liberdade com o canário, ou o tatu-bola que adere à religião após um desmoronamento não ensinam lições morais; ao contrário, expõem as engrenagens de poder e as ilusões sociais. É nesse deslocamento que Brecht afirma sua originalidade: a fusão entre militância política e liberdade poética gera um estilo que valoriza as elaborações do leitor em qualquer idade.

As ilustrações de Marcelo Tolentino ampliam esse jogo crítico e lúdico. Em sua primeira obra ilustrada a partir de texto de outro autor, o artista aposta no estranhamento: animais retratados com naturalismo científico que, ao mesmo tempo, parecem saídos de sonhos ou pesadelos. A capa e a contracapa apresentam figuras híbridas, humanas com cabeças de bichos, evocando tanto a alegoria brechtiana quanto a teatralidade épica de sua obra. Já nas páginas internas, abelhas e formigas, ausentes dos versos, atravessam as imagens em diferentes escalas, sugerindo uma leitura social: insetos trabalhadores, organizados em colônias, espelhos da própria condição humana. O resultado é uma atmosfera em que o real e o surreal se confundem, desestabilizando certezas e convidando à reflexão.

A tradução de Maria Gutierrez, especialista em Brecht, é peça fundamental para a recepção da obra no Brasil. A tradutora soube manter a ironia e a cadência dos versos livres, recriando jogos de palavras com liberdade.

Versos de bichos não é apenas um livro para crianças, mas um convite a leitores de todas as idades. Entre o nonsense e a alegoria política, entre o riso e o desconforto, Brecht propõe um olhar desconfiado para o mundo e para as relações humanas. A edição da Boitatá transforma esse gesto em uma instigante experiência estética. Um besteiário moderno e irreverente que ao mesmo tempo diverte e provoca a pensar sobre os bichos, sobre os homens e sobre a tênue fronteira que os separa. [Carolina P. Fedatto]

PAPAI PINTAVA

Autoria: Odilon Moraes

Editora: Jujuba

Aos domingos, papai pintava. Assim começa *Papai pintava*, a história contada por um menino que vai descobrindo e acompanhando o pai através da sua relação com a pintura. Quem é esse pai? Do que gosta? Como enxerga o mundo? E por que ele pinta?

Na delicadeza das imagens, com menos definição no traçado, e a beleza do projeto gráfico, Odilon traz sua forma peculiar de narrar uma história: espaços vazios, poucas imagens e palavras em cada página, com tempos de pausas e imaginação do leitor. Somado a isso, neste livro provoca uma leitura lenta e profunda. Traz até uma certa melancolia, (talvez uma marca nas suas produções), e muita sensibilidade na narrativa. Um pouco da sua própria história, Odilon conta sobre esse menino que aprendeu a pintar com seu pai e isso é retratado em lindas ilustrações, quando as produções artísticas dos dois se apresentam lado a lado, uma em cada página.

Um pai que pintava, mas nunca acabava as suas produções, para sempre transformá-las, é o tema que segue em toda a história. A impermanência, o desejo de continuidade, o receio da finitude... tudo isso fica registrado nas entrelinhas das imagens e do texto. As inquietações do menino fazem parte de todo enredo que se questionava o porquê o pai pintava se ele não era um pintor. As respostas vêm traduzidas no enlace do texto com as imagens. Ao final, uma perspectiva bonita sobre a pintura não deixar o tempo passar, com indícios nas imagens.

Embora o livro não traga nenhum aspecto inovador com relação às próprias produções do Odilon como um todo, ele destaca-se como uma boa qualidade literária, oferecendo uma narrativa sensível, cheia de camadas, abordando os sentimentos e emoções de forma poética e envolvente. [\[Licia Breim\]](#)

Ilustração para
Museu



EQUIPE DESTAQUES EMÍLIA 2024

ANA BARBARA DOS SANTOS é professora de Educação Infantil na rede pública da cidade de São Paulo há 16 anos. Atualmente é Formadora de Formadores na Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. Mestranda do Programa Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, formada em Letras-Inglês pela mesma universidade, especialista em História da Arte pela Faculdade Paulista de Artes e em Educação Infantil, Infâncias e Artes pela UNIFESP. Idealizadora do Blog Narrativas Infantis com foco em infância, fotografia, literatura e formação de professores. Desenvolve pesquisas e trabalhos autorais em linguagem fotográfica.

ANA BEATRIZ ASSIS é Pedagoga formada pela Universidade de São Paulo (USP), professora de educação infantil e pesquisadora das infâncias, une em sua trajetória as raízes afetivas do interior com a efervescência cultural da capital. Leitora apaixonada e descobridora de espaços culturais, acredita no livro como instrumento de encantamento e transformação, cultivando práticas que valorizam a curiosidade, a imaginação e as múltiplas formas de viver e aprender na infância.

ANA EMÍLIA DE PAIVA é graduada e mestre em Biologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em seguida, formou-se em Pedagogia pela mesma instituição. Atua como educadora na Educação Infantil e participa do projeto de extensão Bebeteca (FAE/UFMG), pesquisando práticas de mediação de leitura entre educadoras e crianças pequenas.



Ilustração para
*Kuján e os meninos
sábios*

AURÉLIO DE MACEDO é leitor. Especialista em O Livro para a Infância, pela Casa Tombada. Jornalista formado pela PUC-SP e escritor, é autor do livro infantil Titus e as galinhas (Kapulana) e editor do livro Viagem ao nordeste brasileiro 1928-29 – Álbum de fotografias Mário de Andrade, publicação independente apoiada pelo PROAC 2021. Atua como designer instrucional em projetos de educação a distância e roteirista de documentários, entre eles Besnard, histórias de um navio oceanográfico e FAU 70 anos, da USP. Membro da equipe **Destaques Emília**.

BÁRBARA FRANCELI PASSOS é mestranda na linha Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica da Faculdade de Educação da Bahia-UFBA, Pedagoga pela FEBA e especialista em leitura e literatura para crianças e jovens pelo Instituto Superior de Educação Vera Cruz. É coautora do livro Infâncias e Escritas: produção de textos na escola, lançado pela editora Solisluna e Selo Emília, em 2023. Atua em projetos de formação de professores e assessorias nas redes públicas e escolas particulares na área de leitura, literatura e alfabetização. É membro do conselho do Instituto Emília e faz parte da coordenação dos Destaques da **Revista Emília**.

CAMILA PETROVITCH é pedagoga e mestre em Infâncias e Educação Infantil pela UFMG, Professora da Educação Infantil em Belo Horizonte. Formadora do curso Leitura e Escrita na Educação Infantil. Integrante do Programa Bebeteca: Uma biblioteca para a primeira infância. Produz conteúdo sobre literatura infantil na página do Instagram @bambolerr.

CAROLINA P. FEDATTO é professora de Linguística e Literatura. Bacharel, mestre e doutora em Linguística pela Unicamp. É especialista em Teoria Psicanalítica pela UFMG. É pedagoga e especialista em O livro para a infância pela Casa Tombada. É idealizadora da Cria Coletiva e membro da coordenação e da equipe editorial do Instituto Emília. Publicou *Primeiras leituras: arte e cultura na primeira infância*, organizado em parceria com Fabíola Farias e Juliana Daher, 2022; *Uma biblioteca que acolhe: mediação de leitura em contexto de migração e refúgio*, PUC-Minas, 2024; *O bebê e os livros*, Coleção Bebê Sapiens, Instituto Langage, 2024; *O Astronauta*, com Amma, Pequena Zahar, 2024.

CAROLINE HORNOS é pedagoga e graduada em Administração com especialização na UFRJ. Cofundadora do Brincacidade, uma organização comprometida com uma cidade educadora. Pesquisadora das temáticas da cultura das infâncias, imaginário e literatura infantil e juvenil. Docente no Senac. Colaboradora do **Instituto Emília**, atuando com gestão de projetos culturais.

DIANNE MELO é fonoaudióloga, especialista em Linguagem e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Atuou em diversas frentes na área social, participando da elaboração, implantação, acompanhamento e avaliação de programas e projetos desenvolvidos na área de gestão educacional, educação integral e leitura e escrita, como o Programa Escrevendo o Futuro, Olimpíada de Língua Portuguesa e o Leia com uma Criança. Implementou e coordenou a área de Engajamento Social e Leitura no Itaú Social que fomentou diversos projetos relevantes na área do livro, leitura, literatura e biblioteca. É membro do grupo coordenador da Rede LEQT – Rede de Leitura e Escrita de Qualidade para Todos do GIFE e faz parte do Conselho e da equipe de Coordenação do **Instituto Emília**. É formadora, palestrante, curadora de conteúdos e consultora na LEDUCA – Consultoria em Linguagem e Educação.

DORA BATALIM é professora de Literatura Infantil, Pedagogia e Artes das licenciaturas e mestrados em Educação do ISPA, criou o Curso de Pós-Graduação em Livros Infantis da Universidade Católica de Lisboa. Possui mestrado em Livros e Leitura para Crianças e Jovens; e em Ciências da Educação, ambas pela Universidade Autônoma de Barcelona, e fez pós-graduação em Sociologia da Comunicação e Cultura, Arteterapia e Ciências da Educação. Trabalhou na Bedoteca de Lisboa, coordenou projetos de bibliotecas e colaborou com os Serviços Educativos do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalha com muitas instituições culturais, curando e liderando programas que conectam o livro com diversas expressões artísticas destinadas a públicos diversos e específicos. Pertence à rede de especialistas da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) e faz parte frequentemente do júri do Prémio Nacional de Ilustração Portuguesa. Faz traduções, participa no Observatório de Literatura Infantil em Portugal e faz parte da equipe do **Instituto Emília**.

DOLORES PRADES é fundadora, diretora e publisher da Emília. É doutora em História Econômica pela USP e especialista em literatura infantil e juvenil pela Universidade Autônoma de Barcelona; diretora do **Instituto Emília** e do Laboratório Emília de Formação. Foi curadora e coordenadora dos seminários *Conversas ao Pé da Página* (2011 a 2015); coordenadora no Brasil da Cátedra Latinoamericana y Caribeña de Lectura y Escritura; professora convidada do Máster da Universidade Autônoma de Barcelona; curadora da FLUPP Parque (2014 e 2015). Membro do júri do Prémio Hans Christian Andersen 2016, do Bologna Children Award 2016 e do Chen Bochui Children's Literature Award, 2019. É consultora da Feira de Bolonha para a América Latina desde 2018 e atua na área de consultoria editorial e de temas sobre leitura e formação de leitores.



Ilustração para
A pororoca

LÍCIA BREIM é psicóloga com especialização em *Psicopedagogia e Atendimento de Família e Casal* no Instituto Sedes Sapientiae. Fez o curso *A arte de contar histórias na contemporaneidade* no Instituto Sedes Sapientiae e pós-graduação *O livro para infância* n'A casa Tombada. Trabalhou na escola Vera Cruz por 30 anos no segmento de Educação Infantil na função de coordenadora e formação de professores, atuando com famílias e acompanhamento das crianças. Atualmente desenvolve um trabalho de assessoria nas escolas de Educação Infantil, no campo da literatura para infância e projetos pedagógicos. Atua em consultório como psicóloga atendendo casal, família e criança. Membro da **Equipe Destaques Emília**.

MADALENA ELEK se formou em Design Gráfico (FAAP/SP) em 1997. Em 2004 se pós-graduou em Ilustração Criativa (Escola Eina) e em 2019 concluiu o mestrado em Livros e Literatura Infantil e Juvenil (Universitat Autònoma de Barcelona). No Brasil, faz parte do coletivo Charivari, formado por 12 artistas brasileiros desde 2005. Na Espanha, onde reside há 28 anos, colabora com a Associació de Mestres Rosa Sensat, com o grupo Cadireta Blava, é formadora dentro do projeto LECXIT (Fundació Bofill) e bibliotecária na Escola Tàber.

MILENA BUARQUE é mestre em História, Política e Bens Culturais (FGV CP-DOC), especialista em Estudos Brasileiros (FESPSP) e jornalista formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui experiência na criação e no desenvolvimento de estratégias de conteúdo editorial para diferentes formatos e mídias, com passagens pelo Itaú Cultural, VEJA.com, Federação dos Professores do Estado de São Paulo, Cruz Vermelha Brasileira, entre outros. Vencedora do 40º Prêmio Abril de Jornalismo na categoria Vídeo, é coordenadora de comunicação do **Instituto Emília** e atua como repórter e editora, colaborando com veículos como Quatro Cinco Um, UOL e BBC Brasil. Milena também coordena o Clube de Leitura Amada Estante e é coautora do livro-reportagem “Quarta Capa: o livro sobre livros” (Casa Flutuante, 2018).

MIRUNA GENOINO é pedagoga pela USP, especialista em Alfabetização e é Mestre em Escrita e Alfabetização pela Universidade de La Plata, Argentina. É orientadora de Ensino Fundamental no Espaço Ekoa e também professora do curso de pós-graduação “Alfabetização: relações entre ensino e aprendizagem”, do Instituto Vera Cruz. Possui ampla experiência como formadora de professores na área de Práticas de Linguagem, em especial com foco em alfabetização, produção e revisão de textos e leitura de contos de fadas.

NATALIA COLTRI é editora formada em Letras pela PUC-SP com pesquisa relacionada à arte produzida por mulheres. Trabalha com materiais didáticos, paradidáticos e digitais. Tem experiência no desenvolvimento de sites, aplicativos e redes sociais educativos e literários. É roteirista de audiolivros, reportagens, entrevistas e vídeos montagem na área de Ciências Humanas e Literatura. Na **Emília**, atua na Equipe de Comunicação.

RENATA PENZANI escreve, pesquisa e comunica livros. Dedicase à literatura para as infâncias desde 2015. É autora de *A coisa brutamontes* (Cepe, 2018) – Prêmio Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2018, semifinalista do Prêmio Jabuti 2019 e Seleção FNLIJ Catálogo da Feira Internacional do Livro de Bolonha 2019. Como poeta, publicou *Maracujá* (Laranja Original, 2023). É formada em Comunicação Social pela UNESP, pós-graduada em literatura para as infâncias pel'A Casa Tombada, e mestra em Estudos da Linguagem pela UFRPE. Atua como jornalista, consultora editorial e tradutora.

SILVIA ZERBINI é pedagoga (PUC-SP), mestra em formação de educadores (PUC-SP) e especialista em literatura para crianças e jovens (Instituto Vera Cruz, SP) e em antropologia da infância (*A Casa Tombada*, SP). Ela trabalha como professora polivalente na Educação Infantil há quase trinta anos e também atua como mediadora de leitura e formadora.

TALULA MONTIEL TRINDADE é pedagoga. Atelierista. Especialista em formação de leitores e Mestra e Doutora em Educação com ênfase em Estudos sobre Infância pela UFRGS. Pesquisadora da leitura nas infâncias e dos currículos narrativos, é professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e possui vasta experiência como formadora de professores com foco em contextos exploratórios, pedagogia do sensível e a leitura das infâncias e dos professores. Produz conteúdo sobre a leitura na infância e no contexto de escola no Instagram @letra_emendada.



Ilustração para
O astronauta

EDITORAS QUE ENVIARAM LANÇAMENTOS DE 2024 PARA OS DESTAQUES

- | | | | |
|-----------------------------|-----------------------------|------------------------|-----------------------------|
| 1. A preguiça | 23. Comg | 45. Kids Indoors | 67. Pera Books |
| 2. A semente | 24. Companhia das Letrinhas | 46. L&MP | 68. Physalis |
| 3. Abacatte | 25. Compor | 47. Lê | 69. Pingo de luz |
| 4. Aletria | 26. Cria Criança | 48. Leiturinha | 70. Pingue pongue |
| 5. Ama | 27. Crivinho | 49. Miolo Mole | 71. Piu |
| 6. Ambiente Franco Cultural | 28. Edição da autora | 50. Moderna | 72. Pó de estrelas |
| 7. Ameli | 29. Edições Barbatana | 51. Salamandra | 73. Pulo do Gato |
| 8. Anansi Lab | 30. Editora do Brasil | 52. Munera | 74. Rebuliço |
| 9. Artêrinha | 31. Editora 34 | 53. Versinhos | 75. Reco-Reco |
| 10. Autografia | 32. Elo | 54. O Tal | 76. Record |
| 11. Baião | 33. Escarlate | 55. Oh! Outra história | 77. Rocquinho |
| 12. Barbante | 34. FTD | 56. Veneta | 78. Saberes e Letras |
| 13. Barbatana | 35. Gaivota | 57. Palavras | 79. Selo Emília & Solisluna |
| 14. Bertrand Brasil | 36. Galera Júnior Reccord | 58. Pallas | 80. Semente |
| 15. Biruta | 37. Gato Leitor | 59. Pallas Mini | 81. Tear |
| 16. Boitatá | 38. Glida | 60. Panda Books | 82. Telos |
| 17. Brinquebook | 39. Global | 61. Passarinho | 83. Tibi |
| 18. Caixote | 40. Guaxe | 62. Patuá | 84. Tigrito |
| 19. Cambucá | 41. Inteligêncios | 63. Paulinas | 85. Versejar |
| 20. Carambaia | 42. Joaninha | 64. Pé de Pitanga | 86. Verso livre |
| 21. Casa de Letras | 43. Jujuba | 65. Peirópolis | 87. Vooinho |
| 22. Ciranda na escola | 44. Kalinka | 66. Pequena Zahar | 88. WMF |



Ilustração para
Verão

QUADRO COMPARATIVO
DOS LIVROS RECEBIDOS, PRÉ-SELECIONADOS
E DESTAQUES DE 2013 A 2024

DADOS	LIVROS RECEBIDOS	EDITORAS PARTICIPANTES	LIVROS PRÉ-SELECIONADOS	DESTAQUES
2013	284	32	75	25
2014	227	38	62	26
2015	182	39	48	19
2016	167	39	48	24
2017	197	50	48	18
2019	90	42	39	31
2020	74	34	30	27
2021	161	44	57	42
2022	274	57	175	46
2023	404	85	242	57
2024	484	88	219	50

Ilustração para
Papai, ó!



WWW.EMILIA.ORG.BR

WWW.EMILIA.ORG.BR/CATEGORIAS/DESTAQUES-E-OLHAR-LEITOR



LEIA OS CADERNOS EMÍLIA

WWW.EMILIA.ORG.BR/CATEGORIA_DO_SELO/CADERNOS-EMILIA

Para participar do próximo Destaques, as editoras interessadas devem enviar um exemplar de cada lançamento de 2025 para:

BÁRBARA PASSOS
RUA LEOVIGILDO FILGUEIRAS,
648, AP. 804, EDIFÍCIO
MORADA REAL DO GARCIA,
SALVADOR - BAHIA
40100-000

CAROLINA FEDATTO
RUA DO OURO, 958,
AP. 501, SERRA -
BELO HORIZONTE-MG
30220-000

DOLORES PRADES
AVENIDA ANGELICA, 551,
AP. 08, SANTA CECILIA -
SÃO PAULO-SP
01227-000